Henrique Suso

O Livro da Sabedoria Eterna

Henrique Suso

O Livro
da
Sabedoria Eterna

Tradução: Souza Campos, E. L. de
VALDEMAR TEODORO EDITOR
Niterói – Rio de Janeiro – Brasil
2022

O livro da sabedoria eterna

Henrique Suso

I
Como Deus atrai para ele almas que ouvem sua voz sem reconhecê-lo.

O Discípulo: Ó Deus, que sois a própria doçura, sabeis, que desde meus primeiros anos, minha alma sentiu um desejo, uma sede de amor cuja causa ela ignorava. Há muito tempo meu coração aspira por um bem que não pode ver, que não pode alcançar e, neste mesmo instante, eu sinto que desejo, que amo, mas não sei o que desejo e amo. Deve ser uma grande coisa, já que atrai meu coração com tal poder e sinto que, enquanto não possuí-la, não poderei viver tranquilo.

Eu em lembro que, nos dias da minha infância, eu me dirigi às criaturas nas quais esperava encontrar o apaziguamento das minhas aflições, mas eu me enganei. Quanto mais eu me ligava a elas, mais o bem que buscava fugia de mim. Essas criaturas, que tinham me seduzido, me diziam todas: “Não somos o bem que você procura. Procure-o em outro lugar, se você quer encontrá-lo”.

Este bem que desejo, eu o quero mais do que nunca. Eu sei o que ele não é, mas ignoro que ele é. Diga-me então, Deus todo pode-

roso, o que é que me chama com tanto encantamento, o que me atrai, o que me cativa assim.

A Sabedoria: Esse bem, você não o conhece! Foi ele, no entanto, que tão docemente o pressionou, que tão frequentemente o interrompeu em seus desvios, que o buscou, que o iluminou até que, libertado das coisas criadas, você se uniu a ele através dos laços do amor.

O Discípulo: Mas, se eu jamais o vi, se eu jamais tive a felicidade de encontrá-lo, o que há de tão admirável que eu não saiba o que ele é?

A Sabedoria: É culpa sua se você viveu nessa ignorância. A familiaridade das criaturas o tornou negligente e preguiçoso em suas buscas. Mas agora, abra os olhos interiores da sua alma e veja quem sou. Eu sou o Bem Supremo, Deus, a Verdade, a Sabedoria Eterna que escolheu você, por amor, desde minha eternidade e que reclama você como o predestinado da minha Providência.

O Discípulo: É então você, ó dulcíssima Sabedoria, que é o bem que procuro há tanto tempo e que eu chamava dia e noite com minhas lágrimas e meus suspiros? Por que adiar tanto a graça de sua luz? Por que não se revelar logo ao meu coração? Ai! Que caminhos difíceis eu percorri sem alcançá-la!

A Sabedoria: Se eu tivesse me mostrado desde cedo, você não desfrutaria, você não compreenderia minha bondade, como você po-

de agora desfrutá-la e compreendê-la. É pelo desejo que se chega ao gozo e jamais se chega à minha luz sem penosos esforços.

O Discípulo: Ó Bondade imensa! Como me tratastes com ternura! Quando eu não existia, vós me criastes. Quando eu vos abandonei, vós me procurastes. Quando eu fugia de vós, me interrompestes e me reanimastes com vosso amor. Se eu pudesse multiplicar meu coração por mil, para amar-vos mil vezes mais, para louvar-vos mais, como eu seria feliz! Como é feliz a alma que é objeto de vossa misericórdia e que abrasais tanto com vosso amor, que só há repouso para ela em vós!

Já que vós sois a Sabedoria Eterna que eu amo e que adoro, não desprezeis vossa criatura, mas olhai com compaixão meu pobre coração todo congelado pelas vaidades deste mundo. Libere-o de seus laços e de suas trevas. Iluminai-o e concedei-me a graça de poder falar convosco. Podemos amar-nos e não nos dizermos nada?

Vós bem sabeis que meu coração não tem outro prazer que não seja pensar em vós e suspirar por vós. A única ambição de quem ama é desfrutar do que ama. Se quereis que somente ame a vós e que vos ame mais, mostrai-vos em uma luz mais viva e dai-me uma compreensão maior de vossa bondade.

A Sabedoria: Quando as criaturas deixam Deus, elas descem por um declive natural, das coisas superiores às coisas inferiores. Mas, quando elas retornam ao seu princípio, elas devem ir das mais

humildes para as mais elevadas. Se você quer então conhecer e contemplar minha divindade, comece por me conhecer e me amar nos tormentos da minha dolorosa humanidade. Este, para você, é o caminho mais curto para a beatitude.

O Discípulo: Pois bem, Senhor! Pelo amor que fez com que abandonastes, para este exílio, o trono e a companhia de vosso Pai; em nome do amor que fez com que suportastes as angústias de uma morte horrível, condescendei mostrar à minha alma as formas tocantes que vosso amor quis assumir na árvore sangrenta da cruz.

A Sabedoria: Quanto mais eu me deixei vencer pelo amor, quanto mais a morte que ele me fez suportar foi pavorosa, mais também eu devo ser amável para com as almas retas e puras. É no horror de minha Paixão que brilham a força e o poder do meu amor. O sol é conhecido pelo seu brilho; a rosa, pelo seu perfume; o fogo, pelo seu calor. Escute então com que amor e com que angústias eu sofri para sua salvação.

II
Com se chega à divindade de Jesus pelas dores de sua humanidade.

A Sabedoria: Medite sobre minha Paixão, ó meu filho, para gravar em você os suplícios cruéis aos quais eu me submeti! Você sabe que, após a última ceia, no Horto das Oliveiras, eu aceitei, para

obedecer a meu Pai, a morte mais horrível. A cruz que me esperava me apavorou tanto, que escorreu suor de sangue de todos os meus órgãos.

Fui preso, amarrado, arrastado pela cidade, coberto com golpes e cusparadas. Fui injuriado, caluniado, julgado digno de morte e conduzido até Pilatos, perante quem eu fui como que um manso cordeiro entre animais ferozes.

Lembre-se da roupa branca que me vestiram, como um escárnio, na casa de Herodes, do meu corpo flagelado, da minha cabeça coroada com espinhos e da madeira infamante com a qual eu saí de Jerusalém, aos gritos do povo: "Crucifiquem-no! Crucifiquem-no!"

Que sua alma me contemple humilhado desta maneira, desprezado e visto por todos como um ímpio, um miserável, digno da morte mais cruel.

O Discípulo: Ó meu Jesus! Se o começo de sua Paixão é tão pavoroso, como será então seu fim? Se eu visse um pobre animal ser tratado assim, eu não poderia suportar a visão. Oh, quanto mais deve dilacerar minha alma o espetáculo da vossa Paixão!

Mas, por que, ó Sabedoria Eterna, quando eu desejo contemplar as alegrias da vossa divindade, me ofereceis, pelo contrário, os dilaceramentos da vossa humanidade? Vós me apresentais a amargura, quando tenho sede de vossas doçuras.

Quais são vossas intenções? Eu aspiro pelo leite da vossa ternura e vós me estimulais para os combates, mostrando as cicatrizes das vossas feridas e das vossas dores.

A Sabedoria: A doçura é adquirida com a amargura e só se chega às grandezas da minha divindade através das humilhações da minha humanidade. Quanto mais quem quer se elevar sem o socorro do meu sangue faz esforços, mas ele cai miseravelmente nas trevas da ignorância. Minha humanidade sangrenta é a porta luminosa que você deseja.

Dispa-se então das fraquezas do seu coração e pegue em armas para caminhar junto a mim. Não convém que o servidor repouse em delícias enquanto seu senhor combate valentemente no meio das espadas inimigas.

Venha comigo e não tema. Eu dotarei você com minhas armas e você partilhará minhas dores e meus ferimentos. Que sua alma seja forte e generosa. Saiba que, para submeter a natureza ao jugo da perfeição, é preciso sofrer com muitas cruzes e muitas mortes em seu coração.

Eu o farei sentir vivamente meu suor de Getsêmani e seu jardim produzirá muitas flores vermelhas e sangrentas. Você será arrancado da sua vida pacífica, insultado e amarrado pelos ímpios. Seus inimigos o atormentarão com calúnias secretas e você será publicamente coberto por confusões.

Os julgamentos imprudentes o esmagarão e seus próximos se tornarão os detratores de sua vida santa. Você será flagelado pelas más línguas, coroado com os desprezos e poderá, assim, carregar com amor minha Paixão em seu coração.

Por fim, você tomará comigo o caminho do Calvário, curvado sob o peso da cruz, quando tiver renunciado à sua vontade, quando tiver deixado inteiramente você mesmo, vivendo livre e liberto de toda criatura, como aquele que vai morrer e que deixa, ao expirar, toda relação com o mundo.

O Discípulo: Ó meu Jesus! Como estas coisas duras e estes caminhos são difíceis de seguir! O medo me toma e todos os meus membros tremem. Jamais poderei suportar tais provações!

III
Os motivos da encarnação e da Paixão de Cristo.

O Discípulo: Permita-me fazer uma pergunta. Não podeis, ó Sabedoria Eterna, encontrar um plano mais fácil e mais suave, tanto para vós quanto para mim? Por que não utilizar outro meio para me salvar e obter vosso amor, sem vos condenar ao sofrimento e sem me obrigar a sofrer convosco?

A Sabedoria: O abismo impenetrável dos propósitos com os quais minha Providência governa o mundo não pode ser compreendido, nem por você e nem por nenhuma outra criatura.

Eu, certamente, tinha mil outros recursos para salvar a humanidade, mas, no estado em que estavam as coisas, era impossível encontrar outro mais adequado.

O Autor da natureza não busca o que pode fazer, mas o que mais convém a cada coisa e tudo o que ele faz é mais para satisfazer às necessidades de suas criaturas do que para mostrar sua onipotência.

As pessoas poderiam compreender melhor os segredos de Deus, ao me verem revestido com sua humanidade? As pessoas estavam privadas das alegrias eternas por causa de um amor desregrado e só podiam retornar à fonte da beatitude através do caminho da dor. Mas, como o ser humano poderia entrar em um caminho tão novo e tão duro, sem que ele tivesse sido precedido pelo próprio Deus?

Se você tivesse sido condenado à morte e um amigo quisesse morrer em seu lugar, você não diria: "Sim, meu amigo não podia me dar prova maior de sua sinceridade e da grandeza do seu afeto. Nada poderia me ser mais caro do que o que ele quer fazer por mim".

Este é o objetivo do meu amor infinito e da minha inefável misericórdia. Tudo o que eu fiz foi para chamá-lo, para atraí-lo, para convencê-lo a me amar como eu o amo. Que coração de pedra não amoleceria com um amor assim?

Examine e procure na ordem da criação. Eu poderia encontrar um meio mais magnífico de satisfazer a justiça, prover a misericór-

dia, promover sua natureza e abrir a você os tesouros da minha bondade? Não! Nada poderia reconciliar o céu e a terra como a sabedoria da cruz e as dores da minha morte.

O Discípulo: Ó Sabedoria! Meus olhos agora se abrem para a luz e percebo os raios da vossa verdade. Reconheço que vossa Paixão e vossa morte são as provas mais evidentes que podeis dar do ardor do vosso amor.

Mas, infelizmente, meu Jesus, para um corpo fraco e flácido como o meu, parece-me bem difícil segui-lo no Calvário.

A Sabedoria: Não tema desfalecer no caminho da minha cruz. Para quem ama Deus com todo o coração e que está unido a ele pelo espírito do amor, a própria cruz torna tudo tão fácil, tão leve, tão suportável que jamais tentou se queixar.

Ninguém é mais consolado do que aquele que partilha da minha cruz e minhas doçuras correm em abundância para a alma que bebe do cálice das minhas amarguras. Se a casca é amarga, o fruto é delicioso e jamais se lamenta a dificuldade quando se pensa na recompensa.

Muna-se então com minhas luzes, medite sobre as minhas recompensas e vise a coroa. Venha com confiança e fique convencido de que a alma que começa a combater comigo já está quase vitoriosa.

IV
Jesus sofreu para ser imitado.

O Discípulo: Ó meu dulcíssimo Jesus! Quanto eu vos agradeço por terdes me consolado e encorajado com vossas palavras! Parece-me que, com vossa ajuda e vossa companhia, poderei tudo fazer e tudo suportar. Continuai então a me mostrar os tesouros da vossa Paixão.

A Sabedoria: Fui pregado na árvore da cruz, onde me havia colocado o amor e, nessa árvore do sacrifício, todo meu corpo foi desfigurado e toda minha beleza desapareceu. Eu fiquei com os olhos ternos e lívidos, os ouvidos cheios de injúrias e de blasfêmias, o nariz atormentado por odores imundos, a boca saciada com amargura e toda minha carne delicada foi cortada por chagas pavorosas.

Eu não pude encontrar no mundo inteiro o mais leve alívio. Minha cabeça, pesada com a dor, pendeu sobre meu peito. Meu pescoço ficou inchado pelos hematomas. Meu rosto ficou coberto por cusparadas. Todo meu exterior ficou com uma horrível palidez e a majestade de todo meu corpo desapareceu de uma forma tal que eu fiquei parecendo um miserável leproso. No entanto, eu era a Sabedoria Eterna, mais bela que o sol.

O Discípulo: Ó espelho resplandecente de todas as graças! Ó vós que os anjos amam e desejam! Ó Verbo de luz, delícias do Paraíso e glória do céu! Se ao menos eu pudesse, neste momento, ter sobre

meu peito vosso amável rosto, tão pálido, tão sangrento, tão desfigurado, eu o lavaria com as lágrimas do meu coração e minha alma ficaria um pouco aliviada com seus soluços. Ah, se eu tivesse em mim todos os gemidos e todos os choros dos santos!

A Sabedoria: A melhor maneira de compartilhar de minha dor é expressá-la com atos em sua alma e em seu corpo. Eu prefiro o distanciamento de todo amor terreno, o estudo fiel de meus exemplos e a transformação de uma alma que imita minha Paixão, do que todos os gemidos do mundo, do que todas as lágrimas possíveis, fossem elas mais abundantes do que todas as gotas de chuva caem do céu, pois foi, antes de tudo, para ser imitado, que eu quis sofrer; foi para imprimir em meus eleitos minha dolorosa imagem que eu subi na cruz. Longe estou, no entanto, de rejeitar as lágrimas de uma santa compaixão.

O Discípulo: Senhor, quero, no futuro, me dedicar mais a imitar vossa vida e vossa Paixão do que a lamentar e chorar. Mas, ensinai-me, ó Sabedoria Eterna, como devo vos assemelhar em vossos tormentos.

A Sabedoria: Recuse-se todo prazer e toda satisfação dos sentidos, fuja de toda curiosidade dos olhos e dos ouvidos, faça o que lhe repugna e meu amor lhe parecerá suave e agradável. Recuse constantemente qualquer amenidade ao seu corpo e só encontre prazer e repouso em mim. Suporte com mansidão e humildade os erros

alheios. Ame quem o despreza. Combata todos os apetites. Espezinhe e destrua seus desejos.

Estas são as primeiras lições que se recebe na escola da Sabedoria. Elas estão e são lidas no livro aberto do meu corpo crucificado.

Quando você praticar estas coisas, examine bem se você é para mim o que eu sou para você e você verá a infinita diferença.

V
Com que excesso de amor Jesus Cristo sofreu por nós.

O Discípulo: O que dizeis é verdadeiro, ó Senhor! Mas, estou tão insensível às vossas dores, tão esquecido de vossas bondades e dos tesouros que nos propiciastes com vossa Paixão, que vos rogo me expliqueis novamente vosso amor, para que me dedique mais a vos amar, a vos glorificar e a vos imitar.

A Sabedoria: Medite então sobre a constância com que sofri e você compreenderá meu amor. Você sabe que o que valoriza uma doação é a intenção do coração que a doou. Pois bem! Não apenas eu quis sofrer por vocês, como, por excesso de amor, eu quis sofrer tudo o que fosse possível sofrer.

Eu quis poder dizer à humanidade: “Verifiquem se em todo o mundo vocês encontrarão um coração mais cheio de amor do que o meu. Eu quis que todas as partes do meu corpo fossem golpeadas,

feridas, dilaceradas como meu coração, para que não houvesse nada em mim que não sofresse por vocês e que não provasse minha ternura infinita”.

O Discípulo: Ó dulcíssimo Jesus! Que desejos, que ardor para sofrer, que imenso amor! Mas, novamente, não era possível resgatar a humanidade e salvar minha alma sem esses excessos de amor? Não poderíeis ter escolhido penas mais suaves e provas de ternura menos dramáticas?

A Sabedoria: Lembre-se de que eu sou Deus e que meu amor só pode ser infinito. Não! O doente consumido pela sede provocada pela febre não busca mais bebidas refrescantes; o moribundo não deseja mais se apegar à vida e desfrutar ainda da luz do céu, quanto eu desejei socorrer os pecadores e mostrar a todas as almas o quanto eu amo e o quanto mereço ser amado.

Seria mais fácil fazer recomeçar os dias já passados e devolver a beleza às flores ressecadas do que mensurar meu amor por você e por todas as demais pessoas.

Não há uma só parte do meu corpo que não tenha tido sua dor e que não tenha sido marcada com o sinal do meu amor. Minhas mãos e meus pés foram perfurados por pregos, minhas pernas quebradas pelo cansaço, todos os meus membros foram estendidos imóveis na cruz. Minhas costas, dilaceradas pelas feridas, só tinham para repousar uma madeira dura e rugosa. Meu corpo, caído sobre ele mesmo,

ficou curvado para a terra. Meu sangue escorreu em abundância. Minha vida e minha juventude se apagaram e escaparam por todas as feridas. No entanto, minha alma ficou calma e meu coração se rejubilou de tanto sofrer por você.

O Discípulo: Ó dor inefável! Ó amor admirável e incompreensível! Ó meu Jesus! Quando poderei vos amar como devo e como desejo?

VI
Os gemidos do Discípulo.

Pois bem, alma minha! Entre em si mesma, jogue para longe todas as coisas exteriores e encerre-se no silêncio do seu coração. É preciso todas as suas forças e seus poderes para enfrentar essa imensa dor e para sondar os abismos de miséria em que você caiu.

Que do seu interior encharcado de lágrimas sejam lançados gemidos e gritos tão lancinantes que ressoem através dos vales, das montanhas e das águas e que eles sejam ouvidos no céu por todos os santos do Paraíso!

Sim, eu direi: Ó vós que sois insensível, que não posso sensibilizar com os soluços do meu coração e os fluxos das minhas lágrimas amargas; que não posso fazer compartilhar da minha dor, revelando as dores que me consomem e me dilaceram!

Infeliz que sou! O Pai celeste tinha criado minha alma acima de todos os seres corpóreos, ele a tinha ornamentado com seus dons, ele a tinha escolhido para sua esposa bem-amada e eu me afastei dele e o perdi.

Ó Pai! Ó amor! Ai, ai, ai, desafortunado que sou! O que fiz? O que perdi?

Ao perdê-lo, eu me perdi. Eu perdi a amizade dos anjos do céu e toda felicidade desapareceu. Minha alma ficou só e despida.

Todos aqueles que diziam me amar me enganaram e se tornaram meus carrascos. Eles me tiraram tudo, ao me tirarem a graça do meu único e verdadeiro amigo. Não tenho então razão em chorar agora?

Onde encontrarei algum consolo, algum socorro? O mundo inteiro me abandonou e eu abandonei meu Senhor e meu Deus? Como foi que caí nessa miséria tão profunda? Ó dia e hora deploráveis da minha queda!

Vocês, rosas de amor e lírios de inocência! Ouçam meus gemidos e, ao verem meu ramo seco e estéril, compreendam o quanto fenecem rápido as flores que o mundo tocou.

Será preciso então que, no futuro, minha vida esteja morta, minha alegria seja uma tristeza e minha juventude seja lânguida. No entanto, tudo o que posso sofrer é nada, se comparado com minha

queda. O maior dos meus tormentos, o inferno do meu pobre coração foi ter ofendido Deus.

Ah, infeliz que sou! Eu, que fui prevenido com tanta bondade, que fui aconselhado com tanta mansidão, que fui tratado com tanta familiaridade, pude desprezar vossas graças e vos esquecer!

Ó dureza do coração humano, que pode cometer tais atrocidades! Ó coração mais insensível que um rochedo! Como você não está partido pela dor?

Outrora, minha alma foi chamada de esposa bem-amada pelo Rei da Glória e agora ela não merece o nome de sua serva mais vil. Tenho vergonha de levantar os olhos para o céu e minha língua está muda em vossa presença.

Oh, meu Deus! Como o mundo pesa sobre mim e como eu gostaria de estar no fundo de uma madeira espessa, onde ninguém me visse e nem me ouvisse! Lá, meu coração poderia se aliviar com gritos e choros. Meu único consolo está nos gemidos.

Ó pecado! Ó pecado! Aonde você me levou?

Mundo enganador! Infeliz de quem o serve! Eu já recebi de você minha recompensa, o prêmio da minha escravidão, pois sou odiado por todo mundo e tenho horror a mim mesmo.

Ó vocês que são ricas com os dons do seu Esposo Real! Almas puras e santas que evitam nossas faltas e que sabem conservar a inocência primordial! Vocês são felizes e bem-aventuradas! Talvez vo-

cês não compreendam a felicidade de vocês, porque, com uma consciência sempre pura, ignora-se o tormento de um coração manchado pelo pecado. Mas eu, eu gemo porque sou inconsolável.

Que delícias eu desfrutava quando estava convosco, meu Jesus, meu bem-amado! Como eu era feliz e tranquilo! E eu não sabia da minha felicidade. Quem me dará os meios de expressar minha dor?

Ah, se eu tivesse toda a extensão do céu, as águas do mar, as plantas da terra para mensurar o que sofre meu pobre coração e os infortúnios irreparáveis que atraí ao ofender o Esposo bem-amado da minha alma!

Por que então eu recebi a luz do dia? O que me resta então, se não é um eterno desespero?

VII
A Sabedoria Eterna consola seu Discípulo.

A Sabedoria: Por que se desesperar? Eu não vim a este mundo por amor a você, para reconciliá-lo com meu Pai e para lhe proporcionar uma glória maior do que a da inocência?

O Discípulo: Que voz é essa que fala tão suavemente ao meu coração e que consola minha alma rejeitada pelo céu e pela terra?

A Sabedoria: Você não me reconhece? Por que cair no abatimento? O exagero de sua dor o afasta, meu filho bem-amado. Você não sabe que sou a Sabedoria do Pai, cheia de ternura e de bondade?

Oh, sim! Eu sou um abismo de misericórdia que nem mesmo os santos podem mensurar e que está sempre aberto para receber os corações humilhados e contritos.

Eu já não sofri por você a pobreza, o exílio e a morte na cruz? E eis-me aqui, ainda pálido e sangrando, com o mesmo amor que me colocou entre sua alma e os justos rigores do meu Pai.

Eu pertenço a você. Eu sou seu irmão, esposo de sua alma e esqueci suas ofensas, como se você não as tivesse cometido. Mas, no futuro, se entregue totalmente a mim e não se separe jamais da minha vontade.

Levante então a cabeça, olhe para mim, tome coragem e purifique-se em meu sangue. Como penhor da nossa reconciliação, tome este anel, esta veste, este calçado e celebremos um noivado amoroso, pois, em verdade, sua alma será minha esposa querida e bem-amada.

Sua dor me seduziu e eu não pude resistir aos seus gemidos, pois tenho muita compaixão pelos corações aflitos. O mundo inteiro queimaria e suas chamas não devorariam mais avidamente um punhado de palha se minha misericórdia não recebesse uma alma penitente.

O Discípulo: Ó Pai misericordioso, meu doce irmão, amável esposo da minha alma, única alegria do meu coração! Queirais então me ouvir e me perdoar, apesar das minhas baixezas e da minha indignidade!

Que graça, que clemência, que misericórdia! Eu vos adoro, eu vos bendigo, eu vos agradeço, eu me prostro aos vossos pés e vos ofereço vosso Filho Único, morto por mim na cruz. Este é o arco-íris da paz que vos fará esquecer todas as minhas iniquidades.

Sim, eu renasço nos braços de Jesus crucificado. Eu mergulho em suas chagas, eu prendo minha alma à sua alma, meu coração ao seu coração, para que, vivo ou morto, eu jamais me separe dos seus ternos abraços.

Daqui por diante, mil vezes a morte, o purgatório ou o inferno do que uma ofensa contra meu Senhor e meu Redentor. Que eu só possa dirigir ao céu gemidos capazes de partir o coração!

Eu gostaria de me ver morrer com o excesso da minha dor, porque, quanto mais vós me perdoais com bondade os meus pecados, mais eu me censuro amargamente por vos ter ofendido e demonstrado tanta ingratidão para com vossa misericórdia infinita.

Que ações de graça eu daria, ó Sabedoria Eterna, minha doçura, minha consolação, por ter, com vossas chagas, fechado minhas feridas que nenhuma criatura poderia curar? Ensinai-me ao menos a maneira de carregar em meu corpo as marcas do vosso amor, para que o mundo inteiro, os anjos e os santos do céu saibam bem que eu não sou insensível ao infinito amor que vos faz socorrer um infeliz sem esperança.

A Sabedoria: Se você está espiritualmente crucificado comigo, você carregará em seu corpo os sinais do meu amor. Dê-me generosamente todo seu ser, tudo o que lhe pertence, sem jamais retomar nada. Só toque no estritamente necessário e então suas mãos estarão presas à cruz.

Pratique o bem com alegria, força e perseverança e seu pé esquerdo estará unido ao meu. Fixe, em mim somente, sua alma inconstante, seu coração volátil seus pensamentos errantes e seu pé direito estará crucificado.

Tome cuidado para que a energia do seu corpo e da sua alma não se enfraqueça com o tempo e o deixe recair na indolência e você terá seu braço estendido na cruz, sempre pronto para fazer minha vontade.

Canse seu corpo com exercícios espirituais em honra às minhas pernas vacilantes e não lhe permita jamais satisfazer seus desejos.

Os desgostos, as provas, as aflições que vierem surpreendê-lo e pressioná-lo o unirão a mim nos limites da minha Paixão e você revestirá com o amor doloroso a minha dolorosa semelhança.

Sua privação de todos os consolos, seus combates contra a natureza me devolverão meu vigor inicial. As dores do seu corpo serão como um leito de repouso para meus membros cansados. Seu ódio pelo pecado rejubilará minha alma. Sua ternura suavizará minhas dores e seu fervor me inflamará de amor.

O Discípulo: Eu espero de vós estes dons, ó Sabedoria Eterna e submeto minha vontade ao vosso beneplácito, pois vos servir é fácil e vosso jugo é verdadeiramente suave e leve. Sabem disso, sobretudo aqueles que já carregaram o jugo opressivo da iniquidade.

VIII
O quanto a tibieza da alma é perigosa.

O Discípulo: Ó meu dulcíssimo Senhor! Como sou feliz quando vivo convosco e como sou triste e fraco quando me afasto para longe de vós, para o meio das criaturas, mesmo que por um só instante! Eu me pareço com o filhote do cervo que perdeu sua mãe e é perseguido pelos caçadores. Ele foge todo trêmulo e só para quando está em segurança no lugar secreto que o viu nascer e eu, eu fujo, eu corro para vós e aspiro com ardor pelas águas vivas que derramais.

Uma hora sem vós me parece um ano. Um dia sem vossa doce intimidade me parece uma eternidade.

Ó meu Jesus! Vós sois para mim uma bela e meiga sombra, um arbusto florido, uma roseira toda carregada com rosas deliciosas.

Ó Jesus! Estenda para mim os ramos sagrados da vossa divindade e da vossa humanidade. Vosso rosto, Senhor, irradia a graça. Vossa boca espalha palavras de vida. Vossas conversas são espelhos de perfeição, humildade e mansidão.

Ó bem-aventurada contemplação dos santos! Ah, como invejo aquele que favoreceis com vossa ternura!

A Sabedoria: Infelizmente, muitos são chamados, mas muito poucos são escolhidos!

O Discípulo: Sois vós, Senhor, que os rejeitais? Ou são eles mesmos que se afastam de vós?

A Sabedoria: Observe esta visão que apresento a você e compreenda seu significado. Pense em uma antiga cidade fortificada que cai em ruínas. Os fossos se entopem, as muralhas racham, as torres desmoronam e todas as construções caem em ruínas. Os moradores, que se agitam por ela em grande número, mais parecem animais do que seres humanos.

Observe agora aquele peregrino que se apoia em um bastão. Ele é pobre, estrangeiro, está tomado pelo cansaço. Ele pede esmola e procura quem lhe dê abrigo e comida, mas só encontra, em toda parte, recusas grosseiras e ele se queixa então, amargamente, dizendo: "Ó céu, ó terra! Tenham compaixão e chorem comigo por me verem tratado assim e rejeitado por essa gente por quem sofri com tanto amor!"

Esta cidade é a vida religiosa, outrora tão pura, tão santa, tão poderosa e agora quase inteiramente caída e perdida. Os fossos e as muralhas são as fortificações da obediência, da pobreza, da castidade. Elas estão totalmente abertas e totalmente arruinadas. Só se vê

alguns vestígios delas em algumas cerimônias, alguns costumes e alguns atos exteriores. Esses moradores irreconhecíveis são os cristãos que, sob aparência de santidade, têm um coração totalmente devotado ao mundo e às coisas temporais.

Eu sou o peregrino apoiado no bastão da cruz. Outrora fui muito amado, muito honrado. Mas agora, me afastam, me insultam quase em toda parte. A voz da minha Paixão se levanta contra essa gente que esquece seu chamado e meu amor e são tão tíbios e tão relaxados.

Eu não consigo nada com o valor da minha morte dolorosa e do meu infinito amor. Mas alguns, no entanto, vivem santamente e estes eu consolo na vida e recebo junto a mim na morte. Eu os elevo e os glorifico perante todos os anjos do Paraíso.

IX
É impossível servir, ao mesmo tempo, Deus e as criaturas.

O Discípulo: Senhor, minha alma fica perturbada quando pensa que, sendo tão amável, as pessoas pensam tão pouco de vós que fogem de vós e vos desprezam depois de tantas benesses. Quantos parecem vos amar, mas que não vos amam de fato, já que pretendem relacionar vosso serviço ao amor culposo das criaturas!

A Sabedoria: Estes constroem no vazio e no vento, pois é tão impossível me amar amando as criaturas quanto colocar em um vasinho a imensidão do céu. Como é possível conciliar o que passa com a eternidade? Não é uma tolice querer colocar o Rei dos Reis em um abrigo para pobres ou na cabana de um escravo? Quem quer receber em seu coração um hóspede tão ilustre deve, necessariamente, banir dele o amor por todas as criaturas.

O Discípulo: Infelizmente, como estão desviados os infelizes que não querem compreender a verdade do que vós dizeis!

A Sabedoria: Nas profundas trevas em que mergulharam, eles suam e se atormentam para conseguir os prazeres do mundo, que lhes escapam sem cessar e que jamais desfrutam como desejam. Eles encontram dez contrariedades antes que consigam satisfazer uma só vez seus maus pendores e, quanto mais obedecem a suas paixões, mais eles sentem torturas e aborrecimentos. Os corações deles, separados de Deus e em guerra com ele, acabam presas de contínuos terrores. As alegrias passageiras deles são também misturadas com mil desgostos e grandes amarguras.

O mundo é enganador, infiel, volátil. Se ele faz nascer uma esperança, é para destruí-la imediatamente.

Jamais uma alma pôde encontrar nas criaturas a alegria pura, o amor verdadeiro, a paz inalterável que seria seu repouso e sua felicidade.

O Discípulo: Ó bom Jesus! Não é algo lamentável, ver tantos corações tão amáveis e tão amorosos, tantas almas tão belas e tão cheias da vossa imagem, que poderiam partilhar vosso trono e vosso poder para comandar o céu e a terra e que se deixam cair na mais vergonhosa degradação? Não seria muito melhor para eles morrer com a morte mais cruel do que vos perder; vós que sois a eterna e verdadeira vida?

Ó pobres insensatos! Quanta infelicidade acumulam sobre suas cabeças! Quantas ruínas para suas almas! Como perdem o tempo que não recuperarão mais! E vivem no meio desses desastres como se eles não tivessem nada a ver com vocês!

X
Como se enganam os mornos e os mundanos.

O Discípulo: Ó misericordiosa Sabedoria! Iluminai esses pobres ignorantes!

A Sabedoria: Eles não são ignorantes, pois, em todo momento eles sentem, eles compreendem suas misérias. Mas eles querem ignorá-las, para desfrutarem de seus prazeres. Eles inventam desculpas para seus erros. Eles perceberão que enganaram a eles mesmos, mas não haverá mais tempo. Ó infelicidade que surpreende, mas da qual não se pode se queixar!

O Discípulo: Ó doce Sabedoria! Como explicar uma tolice assim?

A Sabedoria: É que eles querem fugir dos cansaços e cruzes da minha humanidade. Eles querem levar uma vida mais suave e mais alegre, mas caem nas angústias e nos tormentos. Eles rejeitam meu jugo, que é suave. Eu, que sou o Soberano Bem, sou abandonado por eles e eles encontram, em troca, o soberano mal. Eles temem a chuva e encontram a tempestade. Por um justo julgamento de minha justiça, eles vivem oprimidos sob o peso insuportável de mil misérias.

O Discípulo: Mas, que recurso terão esses corações desviados, se não é retornarem a vós, gemendo, misericordiosa Sabedoria?

A Sabedoria: Estou sempre pronto a iluminá-los, desde que eles queiram sinceramente ser iluminados. Eu não falho com ninguém, a não ser com aquele que falha consigo mesmo. Eu só abandono aquele que abandona a si mesmo.

O Discípulo: Como é penoso se separar do que se ama!

A Sabedoria: Sim, mas eu posso substituir tudo o que se ama.

O Discípulo: Mas é muito difícil deixar emoções e prazeres com os quais se está habituado.

A Sabedoria: Será muito mais difícil suportar um dia os tormentos do inferno.

O Discípulo: Eles estão tão tranquilos que talvez não acreditem na infelicidade que os ameaça?

A Sabedoria: Como você pode não saber que o pecado, por sua própria natureza, perturba o coração, agita o espírito, destrói a paz, a graça, o pudor e faz cair em uma profunda cegueira, que torna a alma infeliz, afastando-a de Deus e privando-a do seu socorro?

O Discípulo: Isto é verdade, Senhor! Mas são almas mornas que se convencem de que não têm nada a ser censurado e de que não correm nenhum perigo. Elas vivem nas aparências da religião e pensam que seu amor é espiritual e não terreno.

A Sabedoria: Uma poeira, embora branca, não embaça a visão tanto quanto a cinza escura? Onde encontrar mais santidade e devoção do que entre meus Apóstolos? No entanto, foi preciso que eu me separasse deles, para melhor dispô-los para receber o Espírito do alto. Quanto mais não deve prejudicar a presença humana? Haverá uma só que possa conduzir a Deus?

A geada dos primeiros dias da primavera não destrói mais rapidamente as flores nascentes do que o frágil amor humano e as conversas inúteis não apagam o fervor da vida religiosa?

Onde estão agora aqueles conventos que, como vinhas floridas, espalhavam, em seu início, o doce odor de suas virtudes por todo o mundo? Onde estão aqueles jardins tão perfumados, aqueles paraísos terrestres que Deus tanto amava habitar? Não estão todos agora des-

pidos de seus ornamentos e totalmente tomados por espinheiros e urtigas?

Onde está o ardor dos primeiros santos? Onde estão suas lágrimas, suas penitências, suas contemplações, seu silêncio, a pobreza, a obediência, a pureza de suas vidas?

Mas, o que é mais infeliz e irreparável é que a tepidez se tornou agora como que um estado natural. Fizeram a religião consistir em algumas formalidades exteriores, em algumas cerimônias e é isto o que mata a vida do coração e a beleza interior das almas.

Ai! Ai! Que tempo perdido em pensamentos vãos, em discursos inúteis, em histórias frívolas, em divertimentos e festas!

O Discípulo: Ó divina Sabedoria! Como vossas palavras são terríveis e capazes de abalar os corações mais duros! Estou totalmente aterrorizado.

XI
Como a Sabedoria Eterna é amável e que doçuras ela reserva às almas.

O Discípulo: Eu me lembro, amabilíssima Sabedoria, destas doces palavras que dissestes em vossos livros santos, para seduzir as almas e conquistá-las com vosso amor: *Vinde a mim todos os que me desejais com ardor e enchei-vos com meus frutos, pois meu espírito é mais doce do que o mel e minha posse mais suave que o favo de mel.*

O vinho e a música alegram o coração; sobre um e outro, porém, prevalece o amor à Sabedoria[1].

Vós vos mostrais tão amável e tão bela ao coração humano que todos deveriam se prender somente a vós, se abrasar em vosso amor e aspirar sem cessar por vossa luz. Vossas palavras acendem chamas. Elas saem de vossa boca com uma suavidade tal, uma doçura tal que elas ferem as crianças de berço e extinguem toda emoção terrena naqueles que ainda estão na flor da idade. Assim, confesso que desejo muito ardentemente ouvir de vós algumas palavras sobre vossa inefável doçura.

Ó Sabedoria, minha caríssima esposa, minha única amiga! Consolai minha alma, vossa pobre serva, pois adormeci em vossa sombra, mas meu espírito está desperto e meu coração atento.

A Sabedoria: Escute, meu filho e recolha avidamente minhas palavras. Eu sou, por mim mesma, o Bem Supremo, incompreensível, que foi, que é e que será. Bem infinito, incomunicável, que jamais se pode compreender nem explicar. No entanto, eu me comunico às almas santas sob formas perceptíveis, para me adaptar à fraqueza delas. Eu me mostro sob o véu das palavras e das imagens, como o brilho do sol que se mostra através das nuvens e, ao iluminar assim seu coração no meio das sombras corpóreas, eu lhe deu uma compreensão superior de mim mesma e do meu amor.

---

[1] Eclesiástico 24: 26 e 27 e 40: 20.

Revista-se então de mim. Encha sua alma com todas as perfeições possíveis, para me receber com honra e amor, porque tudo o que há de belo, de honesto, de puro, de santo em você e em todas as almas do céu e da terra está em mim da maneira mais excelente e com uma abundância que o intelecto humano não poderá jamais compreender.

Meu nascimento é ilustre e meu parentesco é glorioso, pois sou o Verbo bem-amado do coração do meu Pai. Eu sou infinito como ele, pois ele me gerou de sua puríssima substância e eu desfruto de seus olhares no inefável amor do Espírito Santo.

Eu sou o trono da felicidade perfeita. Eu sou a coroa de todas as almas. Meus olhos são tão resplandecentes, minha boca tão delicada, minhas bochechas tão brancas e tão vermelhas, minha beleza tão cheia de graça e de majestade que se, para me ver, você pudesse queimar em uma fornalha ardente até o julgamento final, você não teria pagado ainda a felicidade de me contemplar por um só instante.

Minha roupa é de uma brancura esplendorosa e é ornada com as flores mais encantadoras que a aurora faz nascer. O mais rico mês de maio, o mais agradável, quando se compara a mim, só parece oferecer espinheiros selvagens.

Eu sou a fonte da felicidade e, com minha majestade, eu gero, nos anjos, alegrias de amor tão puras que mil anos mal lhes parecem uma hora rápida.

Todo o exército celeste me olha sem cessar com uma nova admiração. Os corações dos santos repousam em mim e todas as almas bem-aventuradas se contemplam em mim em êxtase. De uma só palavra eu faço nascerem todos os concertos dos anjos e encho o céu com melodias inefáveis. Eu sou tão amável e tão desejável que todos os corações deveriam se partir em amor, suspirando por minha luz e minha beleza.

Eu sou a própria pureza, sempre presente nas almas castas. Eu lhes falo, desde que eles me escutem, em toda parte: à mesa, na cama, em viagem.

Em mim está tudo o que se pode desejar e nada do que se pode temer, pois sou o Bem Infinito e sem mistura, que uma só gota é de uma doçura tão poderosa que faz parecerem amargas todas as alegrias do mundo e desprezíveis todas as suas honras.

Aqueles que me desejam sinceramente no silêncio do espírito, longe da perturbação causada pelas formas e palavras perceptíveis, se transformam em mim e se fundem em meu beneplácito. Lá eles encontram então seu princípio e desfrutam de uma liberdade santa, uma pureza perfeita e segura, uma consciência calma e sem mácula.

Há felicidade maior do que viver na alegria e morrer sem temor?

XII
Como Deus ama as almas de uma maneira particular.

O Discípulo: Ó Bem realmente incompreensível! Ó único amor do meu coração! Feliz o instante em que se desfruta de vossa luz e vossa presença! Mas, condescendei, eu vos rogo, em afastar um temor que perturba minha felicidade.

Um rival, para o amor, é como a água para o fogo. O coração não aceita nenhuma partilha. Como podeis me amar se amai tantos outros e se tantos outros vos amam? Digai-me o que me tornarei, qual será meu lugar?

A Sabedoria: Eu sou o amor infinito que não é limitado pela unidade e nem expandido pela multiplicidade. Eu amo particular e unicamente cada alma. Eu o amo e me dedico a você como se não amasse mais ninguém e como se você fosse único no mundo.

O Discípulo: Ó meu Jesus! O que dizeis? Onde estou? Quem arrebata assim meu coração? *Minha alma se liquefez ao ouvi-lo falar. Desvia de mim os teus olhos, porque eles me fascinam*[2].

Que coração de gelo não se enterneceria e não se inflamaria com tão deliciosas palavras? Sim, feliz a alma que se torna sua esposa, vossa bem-amada! Que consolações celestes, que doçuras vós a cumuleis! Com quantos favores celestes e carícias vós lhes demonstrais vosso amor!

---

[2] Cântico 5: 6 e 6: 5.

Santa Agnes expressou isto quando disse, em sua ingenuidade virginal: “É o sangue dele que ornamenta minhas bochechas”.

Vamos, coração! Nada de preguiça! É preciso contemplar, gemer, suspirar, tratar de desfrutar ao menos uma vez esse amor, antes de morrer. Que tolice a sua, ser preguiçoso e indiferente para com o Bem Supremo, para com o Bem soberanamente amável que apazigua todas as necessidades e satisfaz todos os desejos! O que você quer fazer com esse mundo frívolo e enganador? É possível comparar o amor grosseiro das criaturas com o amor tão puro do Criador?

Afastem-se de mim, pobres amantes do mundo! Que nenhum de vocês se aproxime de mim e me veja, porque escolhi a Divina Sabedoria para a bem-amada do meu coração e eu lhe dei minha alma, minhas faculdades, meus pensamentos, minhas emoções, meus sentidos, meu corpo, meu coração, todas as minhas forças.

Ah, se eu pudesse, ó meu Jesus, escrever-vos com letras de ouro no fundo do meu coração! Se eu pudesse fazer-vos penetrar todas as fibras da minha alma, de tal maneira que, nem o tempo nem a eternidade pudessem apagar minha obra!

Ah, Jesus! Faça-me morrer então de amor, para que eu não seja jamais separado de vós, que sois todo meu bem.

XIII
Como a Divina Sabedoria é, ao mesmo tempo, amável e terrível e o quanto seus caminhos são obscuros.

O Discípulo: Ó Sabedoria Eterna! Vós que sois tão doce e tão amável, como sois tão severa e tão terrível? De onde vem essa luz que agrada, mas que assusta? Quando vejo os rigores de vossa justiça, eu tremo em todos os meus membros e digo, suspirando: "Infeliz de quem vos ofende!" Pois exerceis em segredo vossa justiça, mesmo para com vossos mais caros amigos e vossos julgamentos são sem apelo.

Como vosso rosto é terrível! Dir-se-ia que é um céu negro e cheio de tempestades, cujos trovões e fogos perturbarão o mundo.

O que se tornou vossa paciente misericórdia? Vossa ira é mais temível do que as chamas do inferno. Como dizer que sois amável se nos congela de pavor?

A Sabedoria: Eu sou fiel e não mudo. São vocês que mudam, já que se apresentam, uma hora, com uma consciência pura e outra hora, com um coração manchado pelo pecado. Por natureza, sou amiga das almas, mas também sou justa e sei me fazer temer, castigando severamente os pecadores.

O objetivo de minha sabedoria, ao pedir, aos que amo, um temor casto e filial e um amor terno e sincero, não é lhes inspirar o horror para com os pecados e uni-los a mim com laços indissolúveis?

O Discípulo: Isto é verdade, Senhor e vós me explicais o plano de vossa Divina Providência. Mas, o que mais me admira é que uma alma que arde com vosso amor e que aspira pelas doçuras de vossa presença não vos encontra e não obtém de vós uma só palavra. Por que, quando sois amado, fugir e vos calar assim?

A Sabedoria: Todas as criaturas não falam e não respondem por mim?

O Discípulo: Mas isto basta ao amor?

A Sabedoria: Tudo o que disse na Terra de terno e de amável deve bastar às almas que me buscam. As santas Escrituras não mostram todo meu amor?

O Discípulo: Mas, Senhor, o que são vossas palavras e vossas Escrituras, quando se deseja vossa presença? Ler as cartas de um amigo e receber notícias dele não é a mesma coisa que estar com ele. E vós, meu Jesus, vós sois um amigo tão doce, tão divino, tão incompreensível, que nem se todos os anjos me falassem de vós, poderiam apaziguar meu coração e impedi-lo de aspirar vossa presença. Não sois mais caro do que o céu inteiro?

Onde está a fidelidade de vosso amor? A esposa cujo coração arrebatastes vos espera. Ela vos deseja, ela geme, ela suspira, ela está morrendo de necessidade pela vossa presença. Ela clama por vós, do fundo de seu coração: *Volta, volta!*[3]

[3] Cântico 7: 1.

Ela pergunta aos seus companheiros: “Respondam, eu lhes imploro! Não o encontraram? Ele virá ou não virá? Eu o possuirei, enfim, em meu coração, ou ele permanecerá afastado para me fazer morrer?”

Senhor, vós ouvis os gemidos e os gritos da alma que vos ama e permaneceis em silêncio.

A Sabedoria: Sim, eu ouço e com prazer. Mas, diga-me, já que se admira com meu silêncio: qual é o maior prazer que pode sentir o anjo mais elevado no Paraíso?

O Discípulo: Senhor, eu não sei. Digai-me vós.

A Sabedoria: O maior prazer que pode sentir o anjo mais elevado no Paraíso é submeter todas as coisas à minha vontade e se minha vontade é fazer com que arranque ervas daninhas e urtigas no campo, ele executará isto com todo seu coração e com um prazer infinito.

O Discípulo: Eu vos compreendo, ó meu Jesus. Vós desejais me ensinar que o verdadeiro amor deve se abandonar inteiramente à vontade do objeto amado e que, segundo sua decisão, o doce deve lhe agradar tanto quanto o amargo, o favor e as consolações tanto quanto a seca e o abandono.

A Sabedoria: Certamente que sim! A mais perfeita submissão de uma alma é aquela que ela demonstra na privação de todo favor e na abnegação completa dela mesma.

O Discípulo: Isto é muito difícil!

A Sabedoria: Mas, onde se prova a virtude, se não é nas contrariedades? Você deve saber também que, geralmente, quando visito as almas, eu me vejo indignamente rejeitado e tratado como um estranho. Quanto às almas que me amam, eu não apenas vou até elas com efusão de ternura, como também permaneço nelas, habito nelas, fixo nelas minha morada secreta e ninguém percebe, exceto o pequeno número que vive solitário, afastado das coisas deste mundo e com o coração voltado para mim, para conhecer meus desejos e executá-los.

XIV
Quais são os sinais da presença de Deus.

O Discípulo: Senhor, vejo que sois um amigo secreto e misterioso. Mas, digai-me: quais são os sinais da vossa presença? Como poderei reconhecê-la?

A Sabedoria: Você jamais poderá reconhecer e apreciar melhor minha presença do que quando eu me escondo ou me retiro da alma que me pertence. Só então você saberá, por experiência, o que sou e o que você é. Conhece-se o sol pelos seus raios, cujo fogo não se pode contemplar.

Eu sou o Bem Supremo, eterno, sem o qual você não existiria, sem o qual nada de bom existiria. Eu irradio e me comunico às criaturas e as revisto com a bondade.

São meus dons que revelam minha presença, mas eu, eu não me mostro jamais à descoberto. Volte-se para você mesmo e diferencie as rosas dos espinhos, as flores da erva do campo. Ame a virtude e deteste o vício.

Conheça-me e conheça-se e então você terá os sinais certos da minha presença oculta.

O Discípulo: Dulcíssimo Jesus! Eu reconheço em mim uma grande diversidade de existência. Quando vós me abandonais, eu fico como um doente a quem nada agrada, a quem tudo repugna. Meu corpo fica fraco e inchado, minha alma fica pesada. Interiormente, fico na aridez e exteriormente, fico na tristeza. Tudo o que vejo, tudo o que ouço me desagrada e isto sem razão. Eu me sinto levado ao mal, fraco contra o inimigo e sem energia para o bem. Enfim, sou como uma casa perturbada pela ausência do pai de família.

Mas, quando vossa luz brilha em minha alma, como uma estrela divina, a escuridão desaparece. A dor me abandona, meu coração sorri, meu espírito se eleva e minha alma encontra em tudo sua alegria e sua felicidade. Tudo o que me acontece interior ou exteriormente se transforma em ação de graças. O que me parecia inicialmente duro e desagradável, imediatamente me parece suave e fácil.

Os jejuns, as vigílias, as provações da vida, a partir do momento em que estais presente, me parecem prazeres. Neste estado, eu sinto uma grande confiança e um ardor generoso que eu não sinto jamais quando estou só e abandonado.

Minha alma transborda, por assim dizer, luzes e verdades luminosas. Meu coração se enche com doces meditações. Minha língua se expressa com calor. Meu corpo não tem nenhuma fadiga e todos aqueles que se aproximam de mim e falam comigo partem iluminados e contentes. Enfim, parece que triunfei sobre o tempo e o espaço e que já habito as instalações da Jerusalém Celeste.

Ah, como eu seria feliz se este estado perdurasse! Mas, infelizmente, minha felicidade desaparece subitamente. Eu recaio na minha nudez, na minha aridez essencial. Minha tristeza é acrescida dos lamentos pela minha felicidade perdida e é preciso tempo, muitas lágrimas, muitos suspiros, antes que retornem minhas delícias.

Quais as alternativas, Senhor? Onde está a causa disso? Ela está em vós ou em mim?

A Sabedoria: Você só tem em você vícios e defeitos. Eu sou e você não é. É isto o que mantém o amor. Enquanto aquele que ama está com seu amigo, ele não compreende bem a doçura. Mas, quando esse amigo se afasta, ele aprecia o encanto de sua presença.

XV
Porque não se pode desfrutar sempre da presença de Deus.

O Discípulo: Senhor, essa lei de vosso amor é bem dura. Digai-me, eu vos suplico, se entre seus servidores, alguns vivem sem essas alternâncias de fuga e retorno, de presença e ausência.

A Sabedoria: Há bem poucos, porque desfrutar de minha presença sem nenhuma interrupção é a vida na Pátria e não no exílio.

O Discípulo: Mas, enfim, já que há alguns, quem são eles?

A Sabedoria: São as almas puras que pertencem à eternidade e que vivem com Deus, livres de toda criatura e perfeitamente transformadas nele.

O Discípulo: Dulcíssimo Jesus! Ensina-me então como devo agir para convosco a fim de chegar, na medida em que permita minha fraqueza, a esse estado de pureza e de união.

A Sabedoria: No tempo da aflição, lembre-se das minhas consolações e quando eu o consolar, não se esqueça das provações que o fiz suportar. Este é o meio de não se orgulhar quando desfrutar da minha graça e de não se deixar abater quando estiver na aflição. E se, por causa da sua fragilidade, você não sente a força para renunciar às minhas doçuras espirituais, espere com paciência e busque com amor.

O Discípulo: Senhor! A esperança que espera muito tempo é um verdadeiro tormento.

A Sabedoria: Meu filho, quem quer amar neste mundo precisa desfrutar do que ama e ser privado dele, por sua vez; passar da alegria à tristeza e comparar o bem com o mal. Não creia que baste pensar em mim uma hora por dia somente. Quem quer ouvir interiormente minhas doces palavras e compreender os segredos e mistérios da minha Sabedoria deve estar sempre comigo e pensar sempre em mim.

Por que ser tão distraído da minha presença, se eu jamais sou da sua? Eu tenho sem cessar meus olhos fixos em sua alma. Por que seu coração me abandona tão frequentemente, para vaguear por pensamentos estranhos?

Como receber minhas inspirações e ouvir as confidências do meu amor no meio de tantas imagens vagas e coisas para às quais se deve morrer, primeiramente? Você me esquece ___ eu, o Bem Supremo, único, eterno __ mesmo quando está inundado com minha presença.

Não é vergonhoso ter em si o Reino de Deus e sair dele para se ocupar com as criaturas?

O Discípulo: E qual é, Senhor, esse Reino de Deus que está dentro de mim?

A Sabedoria: A justiça, a santidade, a paz, a alegria no Espírito Santo.

O Discípulo: Meu Jesus! Eu compreendo vossas palavras e vejo que tendes para a alma caminhos secretos e ocultos, que se retirais dela pouco a pouco para sustentá-la e levá-la a amar e conhecer vossa divindade e que é desta forma que a alma, ao meditar apenas sobre vossa humanidade, começa a entrar no abismo de vossa majestade.

XVI
Como as pessoas erram ao se queixarem das cruzes e das dificuldades que encontram nos caminhos de Deus.

O Discípulo: Senhor, condescendei responder as queixas daqueles que dizem: "O amor de Deus é verdadeiramente de uma doçura extrema. Mas, não se paga muito caro por ele? Para desfrutá-lo é preciso suportar cruzes, provações cruéis; é preciso suportar o ódio, as perseguições e os desprezos do mundo. Assim que uma alma deseja percorrer os caminhos do espírito e do amor, ela deve se preparar para todo tipo de dor".

É possível, Senhor, encontrar a doçura nessas aflições? E como permitis que elas aconteçam aos vossos amigos?

A Sabedoria: Eu jamais tratei de forma diferente meus servidores, desde o princípio do mundo. *Como o Pai me ama, assim também eu vos amo*[4].

O Discípulo: É disto que as pessoas se queixam, Senhor. Elas dizem que não é de se admirar que tenhais tão poucos amigos. Muitos começam a vos amar, mas, quando chegam as provações, as aflições, as cruzes, eles se arrependem de terem se colocado aos vossos serviços e retornam às suas antigas afeições, que eles tinham inicialmente sacrificado por vós. Isto não é uma coisa triste e deplorável?

Mas, o que lhes responder, ó meu Jesus?

A Sabedoria: Para se queixar assim, é preciso ter muito pouca fé, coragem e compreensão da vida espiritual. Mas você, meu amigo, saia da lama dos prazeres materiais e olhe, com os olhos da sua alma, o que você é, onde você está, aonde você vai e então você compreenderá que, ao afligir meus amigos, eu estou longe de prejudicá-los e, pelo contrário, eu lhes sou muito agradável e muito útil.

Por natureza, você é um espelho da Divindade, uma imagem da Santa Trindade, um reflexo da eternidade. Há em você um desejo sem limites que só eu posso satisfazer, porque sou o único bem infinito. E, da mesma forma como uma gota desaparece no oceano, tudo o que o mundo pode lhe dar é nada para seu coração insaciável, enquanto você estiver neste vale de misérias onde o bem está sempre

[4] João 15: 9.

misturado com o mal, o riso com as lágrimas e a alegria próxima da tristeza.

Ninguém neste mundo pode desfrutar de uma paz perfeita. O mundo é mentiroso, já que promete muito e oferece muito pouco, pois suas alegrias são pequenas, frívolas e passageiras. Hoje, ele parece lhe oferecer consolos, mas amanhã ele o cumulará de dores. Assim são seus prazeres.

Considere, de um lado, os remorsos, o desespero, os pavores mortais e os tormentos dos condenados e, de outro, a tranquilidade do espírito, a morte pacífica e a glória eterna dos meus servidores e você verá se não é erradamente que se queixam as pessoas deste mundo.

XVII
Quais são as misérias daqueles que seguem o mundo.

A Sabedoria: Examine comigo as misérias que suportam aqueles que, nesta vida passageira, se entregam aos prazeres do corpo e dos sentidos. Do que lhes servem as alegrias temporais, que desaparecem como se jamais tivessem existido?

Oh, como é curta uma felicidade que deve ser seguida de uma dor sem fim!

Insensatos! Onde está agora o apelo ao prazer, quando lhes diziam: “Venham, jovens cujos corações estão sempre alegres! Esque-

çamos todas as mágoas, entreguemo-nos às delícias do mundo! Para nós, as flores, as rosas, a verdura, os banquetes, a volúpia dos sentidos e da carne!"

Digam-me o que restou de tudo isto. Não podem agora lhes clamar: "Infelizes de nós! Não teria sido melhor se não tivéssemos nascido?

"Ó tempo miserável e passageiro! Como a morte nos pegou de improviso! Como o mundo brincou conosco e nos enganou indignamente! Oh, sim, todas as cruzes mais longas e mais dolorosas da vida são nada, em comparação com o que sofremos!

"Bem-aventurado aquele que jamais desfrutou das alegrias do mundo, que jamais teve um dia tranquilo e próspero! Éramos tolos quando pensávamos que os aflitos eram abandonados por Deus. Ei-los repousando em sua eternidade, coroados com a glória e a honra, no meio dos anjos do Paraíso. Que importância tiveram as cruzes que sofreram em suas vidas, os desprezos e as perseguições do mundo, já que todos os seus tormentos se transformaram em felicidade perfeita e em alegrias eternas!

"Ó dor, ó infelicidade infinita! Ó fim que não termina! Ó morte mais cruel do que qualquer morte! Sempre morrer e jamais poder morrer!

"Adeus, meu pai! Adeus, minha mãe! Adeus, meus amigos! Jamais desfrutarei novamente de vocês.

“Ó separação terrível! Como ela tortura, como ela dilacera!

“Ó ranger de dentes, ó lágrimas, ó gemidos que não cessarão!

“Montanhas, colinas, rochedos, por que não sepultam, sob vossas ruínas, as vítimas de tanta miséria?

“Ó tempo que passa! Como cegais os corações!

“É isto então o que me serviu ter passado minha juventude nos gozos da carne e nos prazeres dos sentidos!

“Ó vida perdida e infelicidade incompreensível! Nem sequer um vislumbre de esperança!”

O Discípulo: Ó, Senhor, juiz justíssimo e severíssimo! Meu coração está gelado de pavor e minha alma me abandona, com a visão de tão grande infortúnio. Quem seria tão insensível a ponto de não tremer diante de tormentos tão horríveis?

Eu não consigo imaginar uma alma separada de Deus.

Ó dor acima de todas as dores, mal infinito, incompreensível!

Ó meu Jesus, meu único amor! Não me abandoneis, mas tratai-me nesta vida como bem desejares. Enviai-me todas as cruzes que desejares.

Eis-me aqui, submisso totalmente à vossa vontade. Eu só vos peço uma coisa: é que jamais permitais que eu perca vossa graça, através do pecado.

XVIII
A glória dos justos.

A Sabedoria: Meu filho, não tema nada, porque aquele que está comigo não pode perecer. Levante os olhos para o céu e contemple esse brilho, essa luz que destino àqueles que foram neste mundo afligidos, perseguidos e crucificados por amor a mim.

Essa cidade bem-aventurada é toda resplandecente de ouro, de pedrarias, de cristal e toda perfumada com lírios, rosas e flores de uma eterna primavera. É lá que estão colocados os tronos brilhantes de onde foram expulsos os anjos rebeldes. Eu os destino às almas aflitas, minhas esposas bem-amadas.

Os santos que nela reinam já são cheios de ternura por você. Eles o esperam com impaciência, eles aspiram por sua presença e eles o recomendam sem cessar a Deus. Eles se rejubilam com suas cruzes e exultam de felicidade quando você os defende corajosamente com seu exemplo.

Como eles se glorificam agora com suas cicatrizes! E como eles se lembram com alegria das feridas sangrentas que receberam em vida por amor a mim!

Eles se comprazem em ver você — no meio das dores, das provações e do abandono — sempre forte e vitorioso. Esteja certo de que eles o amam mais do que o pai e a mãe que lhe deram a vida. O amor dos santos ultrapassa todos os afetos da família.

Oh, como é doce a companhia dos santos!

Feliz a alma predestinada para a glória!

O dote e os ornamentos que dou às minhas bem-amadas no céu é contemplar à descoberto todas as coisas que a fé revelou e que a esperança prometeu; é possuir em paz e segurança o que você faz muito bem em amar.

A auréola, a coroa particular que eu lhes destino é a alegria das suas obras e das suas dores. Eu as rodeio de uma glória que é a luz da minha pura essência e da profundeza impenetrável da minha divindade. Elas estão mergulhadas nelas como em um oceano de doçura. Elas se fundem em mim através do amor. Elas se transformam de tal maneira em mim, que elas só podem querer o que eu quero. Por fim, elas são felizes pela graça como Deus o é pela natureza.

Esqueça então um pouco suas aflições e sua cruz. Medite, em um silêncio religioso, sobre essas sombras, essas nuvens escuras do Paraíso e, ao ver a glória e a alegria dos santos, que sua alma fortificada diga:

"O que se tornou agora aquela perturbação que oprimia o casto coração deles? A cabeça deles não está mais humildemente abaixada. Os olhos deles não estão mais pregados ao chão.

"Onde estão aqueles dilaceramentos da alma deles, aqueles gemidos, aquelas lágrimas amargas, aquela palidez no rosto, aquela pobreza tão opressiva, aquele sangue, aquelas feridas, aquelas mor-

didas de ódio, aquelas tristezas interiores e aquelas privações de todos os socorros que os faziam lançar este grito de dor: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*[5]"

Ó bem-aventurado! Eis então que suas penas, seus desgostos, seus sofrimentos e sua cruz desapareceram em um instante! Você não precisa mais se esconder nos desertos, nas cavernas, nas células estreitas, para fugir da malícia do mundo. Você desfrutará eternamente da beatitude dos santos e na alegria de seu triunfo você cantará a Deus este belo cântico: *Louvor, honra, glória e poder* ao nosso Deus *pelos séculos dos séculos*[6].

Lembre-se frequentemente, meu filho, dessa glória dos santos que o precederam e você se esquecerá de suas dores e não perderá mais a esperança por sua salvação.

Pela maneira como trato meus servidores e meus amigos, compreenda a diferença que há entre minha amizade e a do mundo. O mundo também tem seus aborrecimentos e seus tormentos. Mas, mesmo que seus amigos fossem tão cegos e tão embriagados para não perceberem, é certo que, em virtude da minha justiça eterna, todo aquele que segue por vias desregradas se faz seu próprio carrasco. Ele morre no desespero e se faz presa das chamas do inferno.

Meus amigos, pelo contrário, sofrem, é verdade, provações e cruzes numerosas, mas eles vivem felizes na esperança da glória.

---

[5] Salmo 21: 2, Mateus 27: 46 e Marcos: 15: 34.
[6] Apocalipse 5: 13.

Eles desfrutam da paz do coração e da tranquilidade do espírito e são mais felizes no meio de suas aflições do que os mundanos com sua falsa paz e todos os seus prazeres.

O Discípulo: Ah, Senhor! Eis que estou pronto para suportar todo tipo de dores, já que vossa cruz são as provas do vosso amor e que só são felizes aqueles que compartilham de vossas dores e de vossa Paixão.

Que agora os partidários do mundo se calem e que os tíbios não digam mais que tratais mal vossos amigos. Que eles admirem, como eu, a infinita bondade com a qual conduzes aqueles que vos amam pelo caminho dos sofrimentos e que eles compreendam, enfim, o quanto tem que lamentar aquele que não provais nesta vida mortal.

XIX
Porque Deus se rejubila com os sofrimentos de seus servidores.

O Discípulo: Já que as cruzes e as aflições são tão benéficas à glória dos santos, diga-me, ó Sabedoria Eterna, quais são aquelas que mais vos agradam em vossos amigos, para que eu as deseje, que as busque e as suporte com alegria, como tesouros saídos de vossas mãos paternais.

A Sabedoria: Todas as cruzes e aflições me agradam, sejam quais forem suas origens; que elas venham da natureza, como a do-

ença ou da vontade, como as penitências ou da violência, como as perseguições; desde que a alma que as sofre as reporte à minha honra e ao meu louvor e que só deseje se libertar delas de acordo com meu beneplácito. Quanto mais uma cruz é suportada com alegria e amor, mais ela me é cara é preciosa.

Escute a razão que me faz provar meus servidores de tantas maneiras e grave bem o que eu vou lhe dizer no fundo do seu coração. Eu moro e habito em uma alma como em um paraíso de delícias e eu não posso permitir que ela se compraza fora de mim, que ela se afeiçoe às criaturas e, como eu quero possuí-la casta e pura, eu a rodeio de espinhos e a fecho na adversidade, para que ela não possa escapar das minhas mãos. Eu semeio seu caminho com espinhos e dores para que ela não possa repousar em coisas baixas e criadas e que ela coloque toda sua felicidade nas profundezas da minha divindade.

A recompensa que dou a essas almas pela menor das aflições suportadas é tão grande que todos os corações dos mundanos reunidos seriam esmagados.

O caminho da cruz não é novo. Ele sempre existiu. Eu quis que, na natureza, as coisas raras e sublimes fossem difíceis e que a virtude exigisse muito suor e cansaço. Se o caminho não agrada à alma, se ela quer, ao abandoná-lo, se afastar de mim, que ela parta. Eu a criei livre e não quero forçá-la.

Infelizmente, as palavras do meu Evangelho são muito verdadeiras: *Muitos são os chamados e poucos os escolhidos*[7].

O Discípulo: Senhor, reconheço que vossa cruz são os meios de vossa Sabedoria e os penhores da vossa eternidade. Mas, que ao menos elas não sejam muito pesadas e muito acima das forças humanas.

Vós conheceis todas as coisas, Senhor, pois fostes vós que *dispusestes tudo com medida, quantidade e peso*[8] e sabeis bem que minhas dores são verdadeiramente opressivas. Não creio que ninguém no mundo seja tão provado como eu. Como quereis que eu resista a isso?

Se fossem cruzes comuns, eu as suportaria facilmente com paciência. Mas são cruzes tão novas, tão extraordinárias que minha alma está partida.

A Sabedoria: Uma pessoa doente, no meio de suas dores, sempre pensa que não há sofrimentos comparáveis aos dela e todo pobre pensa que nada afasta sua miséria. Se eu lhe enviasse outras cruzes, você falaria a mesma coisa.

Coragem então e mostre-se forte e generoso! Resigne-se completamente à minha vontade. Aceite com paciência todas as cruzes que eu achar por bem lhe enviar e não rejeite nenhuma. Você sabe

---

[7] Mateus 22: 14.
[8] Sabedoria 11: 20.

que eu sempre quero seu bem e que sei perfeitamente, em minha Sabedoria, o que mais lhe convém.

A experiência já deve ter lhe ensinado que todas as cruzes que eu lhe envio, sejam elas quais forem, o elevam, o unem mais intimamente, mais firmemente à minha divindade, do que todas as cruzes voluntárias que você possa escolher.

O Discípulo: Mas, Senhor! É muito fácil dizer que é preciso suportar com resignação todas as cruzes. Difícil é vencê-las e a aflição que me oprime é tão grande que eu temo sucumbir.

A Sabedoria: Se a aflição não fosse penosa, seria uma aflição? O que há de bom e desejável na cruz é poder suportá-la com coragem.

O que há de espantoso que a cruz lhe seja pesada, se você não a ama? Ame-a e você a carregará facilmente. A cruz que se ama e que se deseja por amor a mim se torna menos pesada e mal se faz sentir.

Se você estivesse envolvido por consolações e doçuras espirituais, se os favores do céu o abrasassem com amor, você ganharia bem menos do que ao sofrer as securas e provações que eu lhe envio. Através dessas dores que o oprimem, você se torna objeto da minha ternura e adquire os direitos a uma magnífica recompensa.

Viva então com a convicção de que, sob a cruz, você não perderá jamais. Dez almas que desfrutam das delícias da graça cairão no pecado antes que uma só alma que está na aflição.

O inimigo não tem nenhuma força contra as almas que gemem amorosamente sob a cruz. Mesmo que você fosse o mais importante doutor do mundo e o mais sábio teólogo da minha Igreja; mesmo que você falasse de Deus com a língua dos anjos, você seria menos santo e menos amável para mim do que uma alma que vive submissa às minhas cruzes. Eu concedo minhas graças aos bons e aos maus, mas eu reservo minhas cruzes aos escolhidos, aos predestinados.

Examine e compare, com sabedoria, o tempo e a eternidade. Você compreenderá que mais vale queimar cem anos em uma fornalha ardente do que ser privado da menor das cruzes que eu pudesse e quisesse lhe dar. Não é uma recompensa infinita que se adquire, ao suportar generosamente as aflições?

O Discípulo: Ó meu dulcíssimo Jesus! Vossas palavras são como uma música deliciosa para as almas aflitas e se eu ouvisse com frequência palavras assim, eu viveria mais alegre, mais livre e mais corajoso nas cruzes que vós me enviais.

A Sabedoria: Escute agora, meu filho, os sons harmoniosos da aflição, a melodia dos corações provados e os cânticos das almas sofredoras. Você verá o quanto eles estão de acordo comigo.

O mundo foge das aflições e despreza aqueles que as suportam. Mas eu os abençoo e os coroo. Os aflitos são os meus amigos mais caros, mais amáveis, mas semelhantes à minha divindade.

A aflição afasta a pessoa do mundo e a aproxima do céu. Quanto mais os amigos terrenos o abandonam, mas minha graça aumenta, o eleva e o torna divino.

Da cruz fluem a humildade, a pureza de consciência, o fervor do espírito, a paz, a tranquilidade da alma, a sabedoria, o recolhimento, o amor e todos os bens que ele produz.

A cruz é um dom tão precioso que, se você ficasse anos prostrado por terra para me pedir a graça de sofrer, você ainda não seria digno de obtê-la.

A aflição é um tesouro para os pecadores, os penitentes, os iniciantes e os perfeitos. É um purgatório de amor que purifica a alma do pecado e afasta dela o castigo. Dê-me um aflito que louva e bendiz a Deus em suas dores e o inferno fugirá dele todo apavorado.

A cruz possui uma força tal, um poder tal que, querendo ou não, ela atrai e arrebata quem a carrega. Oh, quantos teriam sido condenados, se eu não os tivesse crucificados!

É muito superior conservar a paciência nas coisas contrárias do que ressuscitar os mortos. A paciência é uma hóstia viva, o odor de um perfume delicioso na presença da minha divina majestade; é um sacrifício tão necessário à alma que eu tiraria cruzes e provações do nada, para não privar delas meus caros amigos.

É verdade que o caminho da cruz é estreito e cansativo. Mas ele conduz, quem o trilha, às portas do céu, à glória dos santos, ao

triunfo dos mártires e então, os aflitos, na alegria de sua vitória, cantam a Deus um cântico novo, que os anjos não podem repetir, já que jamais carregaram uma cruz.

O Discípulo: Vejo bem, Senhor, que sois a Sabedoria Eterna, já que fazeis luzir vossa verdade em minha alma com uma clareza tal que não resta mais nenhuma dúvida. Assim, é do mais profundo do meu coração que vos louvo, que vos bendigo por todas as cruzes passadas e presentes que me enviastes em vossa ternura, para meu maior bem.

XX
A meditação da Paixão de Jesus Cristo propicia grandes bens e como é preciso se dedicar a ela.

O Discípulo: Eu jamais poderia expressar, ó dulcíssimo Jesus, o quanto vossa santíssima e amabilíssima Paixão me consolou em minhas aflições e angústias. Eu me lembro de que um dia, estando triste, abandonado e privado de toda consolação interior e em uma secura tal que não podia ler, nem rezar, nem meditar e nem estudar, eu me retirei para um canto da minha cela e, juntando minhas mãos sobre meu peito, eu tomei a resolução de não mais sair, até que eu pudesse fazer algo pela honra e a glória de vosso santo nome.

Então, eu ouvi vossa voz que me dizia: “Levante-se, meu filho, olhe para mim crucificado, pense em tudo o que sofri por você e vo-

cê se esquecerá das suas aflições”. Eu me levantei, meditei e chorei diante de vós e me vi livre de todas as minhas dores e de todas as minhas securas.

Eu pensei que Paulo, vosso glorioso Apóstolo, tinha mesmo razão em preferir a ciência da cruz, com a visão sublime que ele teve de vossos mistérios e quando clamou: *Julguei não dever saber coisa alguma, senão Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado*[9].

E, depois dele, São Bernardo disse aos seus discípulos, em sua doce linguagem:

“Meus caríssimos! Amem a Paixão de Jesus Cristo. Quando eu me converti, invés dos méritos que eu não possuía, eu fiz para mim um buquê com todos os sofrimentos do meu Redentor e sempre o trago em minha alma, para meditar sobre sua crucificação. Essas lembranças dolorosas de sua morte me parecem a verdadeira sabedoria do coração e é nisto que encontro a perfeição da santidade, a plenitude da ciência, os tesouros da salvação, a abundância dos méritos, o cálice da paz, o bálsamo da consolação, a constância e a igualdade de todas as coisas felizes ou contrárias. Meditar sobre a paixão é quitar meus pecados, conquistar meu juiz, apaziguar meu espírito. Quando eu olho a cruz, eu caminho em segurança através de todos os males deste exílio. Eu me pergunto, como a Esposa dos Cânticos, onde repousa Aquele que me ama, já que o carrego em meu coração,

[9] 1 Coríntios 2: 2.

onde ele se alimenta ao meio dia, já que eu o contemplo sempre na cruz. Sim, a maior filosofia é conhecer Jesus e Jesus crucificado”.

Mas, ó meu Jesus, lembre-se dos meus lamentos cotidianos. Não tenho nada no coração que não seja vossa Paixão. Eu desejo meditar sobre ela sem cessar e chorá-la com lágrimas amargas. No entanto, frequentemente me sinto tão seco, tão árido, que não encontro um só suspiro, um só ato de reconhecimento por todas as dores que merecem uma compaixão infinita. Ensinai-me, ó Sabedoria Eterna, como devo meditar sobre elas.

A Sabedoria: A meditação sobre minha Paixão não deve ser feita superficial e rotineiramente. Ela deve ser profunda e plena de considerações penosas.

O palato pode sentir algum gosto com alimentos tomados às pressas? O mesmo acontece com uma meditação feita sem amor e sem dedicação.

Se, ao meditar, você não pode chorar por minha Paixão, rejubile-se ao menos com os bens imensos que ela lhe propiciou e que beneficia o mundo inteiro.

Se, em suas securas, você não consegue se afligir e nem se rejubilar, continue, no entanto, com coragem. Medite sobre minhas dores da melhor maneira que você conseguir e esteja certo de que esses esforços me serão mais agradáveis do que todas as lágrimas e todo fervor que você poderá ter. Você terá executado um ato de vir-

tude, ao se superar por amor a mim e terá dado prova de um generoso amor.

Não se desencoraje então jamais, seja qual for o estado em que você se encontre quando meditar sobre minha Paixão e guarde bem o que vou lhe dizer. Você sabe que minha justiça jamais deixa impune o pecado mortal ou venial e há muitos que mereceram, por suas faltas, permanecer no purgatório.

Pois bem! Ao meditarem sobre minha Paixão e se aplicarem seus méritos, as almas podem em pouco tempo serem libertadas de toda falta e de toda pena e se tornarem tão puras que poderão, ao morrerem, voar direto para o céu, sem passar pelo purgatório.

Você pode ver então os frutos que se obtém com a meditação sobre minha Paixão.

O Discípulo: Mas, o que pode fazer um pecador, para se purificar através da contemplação de vossas dores e para se aplicar aos seus méritos?

A Sabedoria: Ele deve: 1) chorar, na amargura do seu coração, os pecados que cometeu contra seu Pai celeste, repassando a multiplicidade deles, a gravidade deles e a ingratidão deles; 2) convencer-se de que jamais poderá expiar por si mesmo seus pecados, já que as austeridades maiores ao lado de suas faltas são como uma gota d'água comparada com a imensidão do oceano; 3) louvar e bendizer todo o poder da minha satisfação infinita, ao pensar que a menor gota

do meu sangue bastaria para apagar os pecados de mil mundos; 4) aplicar-se essa satisfação, compadecendo-se de minhas dores e se unindo a ela em minha Paixão; 5) elevar sua dor, fraca e imperfeita, à minha dor sem limites e sem medida; 6) misturar humildemente a gota de sua curta penitência ao mérito imenso da minha satisfação e confundir seus sofrimentos com minhas dores infinitas.

XXI
Como se pode morrer com Jesus Cristo na cruz.

O Discípulo: Vós tivestes a bondade, a doçura e a adorável Sabedoria de me mostrar os tormentos que sofrestes em vosso corpo, quando estivestes pregado na Cruz e nas angústias terríveis de uma morte infame. Dizei-me agora, eu vos imploro, o que se passou na cruz, se alguém se compadeceu com vossa dor e o que fizestes por vossa Mãe aflita.

A Sabedoria: Escute algo digno de todas as lágrimas. Eu morria na cruz e os carrascos que me rodeavam zombavam da minha divindade, meus milagres e minhas obras. Eles me cobriram com cusparadas, injúrias, blasfêmias e me desprezaram como se eu fosse um verme da terra e a ignomínia do mundo inteiro e eu suportei com coragem as execrações, gemendo e chorando pela perda de suas almas e oferecendo meu sangue ao meu Pai para a salvação deles. Para

levá-los à conversão, eu me voltei misericordiosamente para o ladrão que estava à minha direita e lhe prometi o perdão.

Eu que distribuía assim a glória, fui abandonado por todos, despido, coberto de feridas sangrentas, sem ninguém para me consolar, me socorrer, me reconhecer. Todos os meus discípulos e meus amigos fugiram. Eu via mesmo minha querida Mãe, mas sabia que ela sofria em seu terno coração o que eu suportava em meu corpo e foi para mim um novo tormento ser testemunha de sua dor e ouvir suas palavras dilacerantes. Busquei consolá-la, recomendando-a ao meu discípulo bem-amado.

O Discípulo: Quem poderia reter suas lágrimas e seus gemidos? Ó luz brilhante, Verbo Divino, Admirável Sabedoria, cordeiro, pureza e a própria humildade, como fostes cruelmente tratado por aqueles lobos devoradores, por aqueles tigres famintos! Se eu tivesse estado presente, se eu tivesse podido, apesar da minha miséria e da minha indignidade, morrer por vós ou convosco e se eu não tivesse tido esta felicidade, eu ao menos teria me prostrado junto ao pé de vossa cruz, eu teria me pregado ao rochedo que a suportava e quando ele se fendeu com vosso último suspiro, meu coração também teria se partido de compaixão e de amor.

A Sabedoria: Somente eu fui condenado à morte pela justiça eterna. Somente eu devia ser pregado à cruz. Para a salvação de todos, somente eu devia beber o cálice da minha dolorosa Paixão. Mas

é preciso agora que caminhem atrás de mim, que renunciem a si mesmos, que tomem cada um sua cruz e me sigam e seu sacrifícios me serão tão agradáveis quanto se estivessem comigo no Calvário.

O Discípulo: Eis-me aqui, Senhor, pronto para morrer por vós, pois não é justo que eu me pertença, já que morrestes por mim. Mostrai-me apenas, ó Divina Sabedoria, que cruz eu devo carregar atrás de vós e como eu devo morrer convosco.

A Sabedoria: Pratique o bem o quanto puder e se acontecer de interpretarem mal suas ações, de zombarem de você, de o cobrirem de injúrias, de maledicências, de o tratarem como uma má e desprezível pessoa, esforce-se para não se emocionar e para conservar a paz em seu coração. Suporte as perseguições com coragem e humildade, sem pensar em se defender. Reze com amor pelos seus inimigos e perdoe-os caridosamente junto ao seu Pai Celeste. Assim, você morrerá por amor à cruz, minha morte recomeçará na sua e sua paciência será uma nova flor da minha Paixão.

Se, apesar da sua inocência e da sua pureza, você for visto como um ímpio, receba com alegria esta afronta e quando seus detratores vierem se desculpar e lhe pedir perdão, abrace-os e perdoa-lhes com prontidão e amor, como se eles jamais lhe tivessem causado qualquer dor. Trate de ser útil a eles e de demonstrar-lhes seu afeto, com atos e com palavras.

Assim, você terá partilhado de minha cruz, terá imitado a bondade que me fez perdoar as injúrias e as crueldades dos meus carrascos.

Se você renunciar à amizade, às conversações humanas, ao bem estar e às consolações deste mundo, o tanto que for possível nesta vida, esta renúncia e esta privação substituirão a sensação de abandono que senti no Calvário, quando todos os meus me deixaram.

Se por amor a mim você se livrar de todas as emoções inúteis, sobretudo aquelas que poderiam afastá-lo do meu serviço, você me será agradável como São João Evangelista, meu discípulo bem-amado, que me foi fiel ao pé da cruz.

Ao conservar seu coração puro e livre de todo apego terreno, você vestirá, você cobrirá sua nudez. Mas, sobretudo, nas violências e nos ataques do seu próximo, no meio das perseguições e das injúrias, não se defenda, não resista, seja silencioso como um cordeiro, suporte tudo com mansidão e doçura.

Que seu coração, suas palavras, seu rosto respirem a doçura e a paz. Trate de triunfar, com sua humildade, sobre a dureza e a malícia dos seus inimigos.

É assim que você carregará em você a imagem fiel da minha morte. É assim que, ao gravar em sua alma a minha dolorosa Paixão, ao meditar sobre ela, ao recordá-la em suas preces, ao imitá-la em

suas ações, você se conformará aos meus sofrimentos e à fidelidade da minha casta Mãe e do meu bem-amado discípulo.

O Discípulo: Ó onipotente Sabedoria! Grave em meu espírito e em meu corpo, queira eu ou não, uma imagem verdadeira da vossa morte, para que eu dê glórias ao vosso santo nome.

XXII
Qual foi o objetivo de Nosso Senhor Jesus Cristo na cruz.

O Discípulo: Ó doce Sabedoria! Minha Soberana e minha Mestra, fale-me agora do que se passou em vosso coração e em vossa alma. Faça-me conhecer vosso estado interior na cruz.

Sem dúvida que recebestes consolações do céu e que fostes fortalecido como foram os mártires no meio de seus tormentos. A assistência de vosso Pai deve ter tornado o suplício mais suportável.

A Sabedoria: As dores do meu corpo foram muito grandes, mas muito mais dolorosas foram as aflições da minha alma! Da parte superior do meu ser eu contemplava a essência divina, como a contemplo agora no Paraíso. Mas todas as forças e faculdades inferiores da minha alma estavam mergulhadas na desolação e no abandono. Eu fiquei reduzido a angústias que ninguém experimentou e jamais experimentará. Meu corpo suspenso na cruz estava coberto com chagas, de onde escapava meu sangue. Meus olhos estavam inchados de lá-

grimas e meus membros estavam deslocados. Os horrores da morte me rodeavam.

Eu não recebi nenhum socorro do céu e da terra e clamei com uma voz lamentável: *Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonastes?* No entanto, minha vontade permaneceu inabalável e perfeitamente unida à justiça divina que me golpeava.

Quando meu sangue estava quase todo derramado e as forças me abandonaram na agonia, eu senti uma sede abrasadora que me fez dizer: *Tenho sede!* Mas eu tinha ainda mais sede de sofrer e de salvar as almas.

Quando eu cumpri tudo o que era necessário para a redenção humana, eu declarei que tudo estava consumado. Eu fui obediente assim até a morte na cruz. Eu coloquei meu espírito nas mãos do meu Pai e me separei do meu corpo.

Após minha morte, eu tive o lado direito do meu corpo perfurado por uma lança e dele saiu correntes de sangue e uma fonte de água viva.

Isto, meu amigo, foi tudo o que sofri para reparar suas faltas e as dos meus eleitos. Foi o sacrifício eficaz do meu sangue inocente que o resgatou e o libertou da morte eterna.

O Discípulo: Ó dulcíssima Sabedoria! O que retribuirei à vossa majestade por tanto amor? Que ações de graças vos oferecerei por vossa dolorosa Paixão?

Se eu tivesse a força de Sansão, a sabedoria de Salomão e as riquezas de todos os reis, eu consagraria tudo em vosso louvor e vosso serviço. Mas eu não possuo nada e eu sou nada e, no entanto, gostaria de vos demonstrar meu reconhecimento.

A Sabedoria: Nem todas as línguas dos anjos bastariam para me louvar e nem todos os corações humanos poderiam me agradecer pela menor das aflições que sofri por eles.

O Discípulo: Viverei então sem jamais quitar minha dívida. Mostrai-me então, por favor, o que posso fazer para vos agradar e vos servir.

A Sabedoria: Mantenha sempre os olhos fixos em minha cruz e grave em seu espírito, compadecido, os tormentos mais cruéis da minha Paixão. Quando lhe acontecer de sofrer, suporte unido a mim.

Se em suas aflições, eu não o consolo e o deixo na secura e no abatimento, como eu estive no Calvário, evite procurar as consolações humanas e lance, para Deus, gemidos e suspiros. Abandone-se, para me imitar, à vontade do seu Pai Celeste e quanto mais você for torturado no exterior e abandonado no interior, mais você será caro a Deus e mais você se assemelhará a mim na Cruz. É desta forma que eu provo meus mais caros amigos.

Quando você sentir uma grande necessidade de socorro e consolação, violente-se e renuncie a si mesmo, para ter, em sua sede, a língua saciada com fel e vinagre.

Tenha sempre sede pela salvação das almas e trabalhe por isso com ardor durante toda sua vida. Obedeça com empenho aos seus superiores, conserve sua alma desapegada de todo prazer e coloque-a nas mãos de Deus, como no momento do seu último suspiro. Assim você estará unido à minha cruz.

Mas, acima de tudo, aprenda a se esconder no meu lado aberto e na ferida que o amor fez em meu coração. Eu o lavarei com a água que escorre dali, eu o ornamentarei com a púrpura do meu sangue, eu me prenderei a você com laços indissolúveis e meu espírito se unirá ao seu em uma união eterna.

XXIII
As regras sumárias da vida espiritual.

O Discípulo: Altíssima Sabedoria! O império do mundo me faria menos feliz quanto estou ao ouvir vossas admiráveis lições. Mas, diga-me, eu vos suplico, o que devo sobretudo fazer para evitar o mal e chegar à perfeição.

A Sabedoria: Escute em poucas palavras a regra de uma vida pura e perfeita. Mantenha-se separado e afastado de todos. Liberte-se das imagens e do cotidiano das coisas terrenas e humanas. Livre-se de tudo o que pode perturbar o coração, cativar e jogar nas dores e nas inquietações do mundo, da carne e da natureza. Erga seu espírito a uma contemplação santa em que serei o objeto perpétuo dos seus

pensamentos. Que todos os seus outros exercícios espirituais, as vigílias, os jejuns, a pobreza, as austeridades da vida, as mortificações do corpo e dos sentidos sejam dirigidos para este objetivo. Só os pratique na medida em que eles podem ajudá-lo e estimulá-lo à presença de Deus.

É assim que você chegará a uma perfeição que só consegue uma pessoa em mil, porque a maior parte dos cristãos pensa que tudo está nas práticas exteriores. Eles se agitam por anos sem fazer progressos e permanecem sempre os mesmos, sempre afastados da verdadeira perfeição.

O Discípulo: Mas, quem poderá, Senhor, manter os olhos de sua alma fixados em vossa divindade e continuar, sem jamais interromper, essa sublime contemplação?

A Sabedoria: Ninguém, sem dúvida. Mas eu lhe digo estas coisas para que você ao menos se esforce para atingir isso. Para que, se você desejar, você faça destas coisas a regra dos seus exercícios espirituais e para que você consagre seu coração e seu espírito a isto.

Quando você perceber que se afastou do objetivo e se distraiu dessa contemplação, pense que você está se privando da própria beatitude. Retorne imediatamente ao objetivo que você havia se proposto e vigie-se constantemente, para jamais se afastar da presença de Deus.

Todas as vezes que você se esquecer de Deus e caminhar para a aventura, você se parecerá com um barqueiro que perdeu, no meio de uma tempestade, seus remos e seu leme. Ele perde sua rota e não consegue mais conduzir seu barco.

Se você não pode permanecer constantemente aplicado à contemplação da minha divindade, retorne a ela ao menos, sem cessar, através do recolhimento e da prece e que seus esforços para caminhar em minha presença o fortaleçam em Deus, na medida em que isto é possível neste mundo.

Escute, ó meu filho, estas lições que não enganam. Escreva-as no fundo do seu coração e lembre-se sempre da minha ternura que as inspira. Se você quer fazer verdadeiros progressos na virtude, que estas palavras jamais se apaguem do seu espírito. Que elas lhe estejam presentes em toda parte e a cada instante, na paz ou na perturbação, no cansaço ou no repouso. Nelas, você sempre encontrará as luzes e os benefícios da Sabedoria.

Meu filho, dedique todos os seus cuidados a Deus e à sua alma e trate de jamais deixar e negligenciar seu interior. Seja puro e livre-se de todas as ocupações que não são necessárias. Eleve seus pensamentos ao céu e fixe-os em Deus. Você se sentirá cada vez mais iluminado e conhecerá o Soberano Bem, na ignorância e no afastamento nos quais você vive agora.

O Discípulo: Que ações de graça vos renderei, ó sublime Sabedoria, por estes ensinamentos que semeastes na minha alma com tanta bondade e doçura? Vossas palavras jamais se apagarão da minha memória e elas serão a regra e a força da minha vida. Este é meu desejo e minha ambição.

XXIV
A disciplina da Divina Sabedoria dá assistência na morte súbita de um jovem de trinta anos.

O Discípulo: Dulcíssimo Jesus! Que minhas preces não vos importunem e condescendais me ensinar a morrer para mim mesmo e para todas as coisas criadas, a viver somente para vós, a vos amar, a vos louvar com toda a minha alma, a vos receber humilde e dignamente no santíssimo Sacramento do Altar.

Oh, mil vezes feliz quem sabe vos servir como vós mereceis! Mas, já que me haveis exortado de tantas maneiras a morrer convosco na cruz, digai-me de que morte falais: da espiritual ou da corporal?

A Sabedoria: De ambas.

O Discípulo: Mas, conhece-se a morte corporal quando ela chega. Não há então necessidade de um grande ensinamento para sofrer a lei da natureza.

A Sabedoria: Quem espera a morte para aprender a morrer está em um grande erro. Só se aprende a morrer pensando sempre na morte.

O Discípulo: Mas é muito triste, muito penoso e muito duro pensar sempre na morte.

A Sabedoria: Você é muito cego para não ver que se morre a cada instante. Quantos desaparecem nas cidades e nos conventos! Quantos são atingidos por uma morte súbita! Você não se lembra de que, há pouco tempo, você mesmo quase morreu, como os outros. Abra então seus sentidos interiores e escute, para sua instrução, os lamentos de um jovem que a morte surpreendeu.

O moribundo: Ai! Ai! Como sou infeliz! Por que eu vi a luz? Nasci entre gemidos e lágrimas e morro entre gritos e angústias.

Ai! *Os laços da morte me envolveram, a rede da habitação dos mortos me apanhou de improviso*[10]. Ó morte pavorosa, por que veio envenenar meus jovens anos? Eu, que jamais pensei em você, que jamais desejei você, por que me atacar tão bruscamente? Eis-me em seus laços, como um criminoso que é arrastado para o suplício.

Eu bato em minha cabeça de desespero e me dilacero em minha raiva. Para mim, nenhum socorro, nenhuma esperança.

[10] Salmo 114: 3.

Eu ouço a voz da morte que clama para mim: “Infeliz, é preciso dar o último suspiro. É impossível escapar. Nada o livrará das minhas mãos. Amigos, parentes, riquezas, conhecimentos, destreza, tudo é inútil. Você deve aceitar sua sorte e deixar a vida”.

Desta forma então, eu vou morrer. Não há apelo e é preciso me separar deste corpo que eu amei tanto.

Ó morte! Ó morte!

O Discípulo: Mas meu amigo, por que se afligir tanto? Você não sabe que a lei da morte é comum a todos, seja rico, seja pobre, seja jovem, seja velho? Até mesmo morrem mais jovens do que idosos. Você pensa que será o único a ser poupado da morte? Isto seria uma grande tolice.

O moribundo: É assim que você me consola? Por que me dizer palavras tão duras e tão amargas? Eu tenho minhas razões. Quem viveu sem se preparar para a morte e que morre sem temê-la é cego e tolo. Ele morre como um animal, pois ignora o perigo que corre.

Eu não me queixo de morrer, mas me desespero por morrer subitamente e sem preparação. É preciso experimentar uma necessidade a qual eu não estou, de forma alguma, disposto.

Não é somente minha vida que choro, mas são os dias que perdi em prazeres e festas, quando poderia tê-los utilizado para minha alma. Sou agora como uma flor caída e seca, como um aborto que não conheceu a existência. O tempo passou para mim como uma fle-

cha lançada por um arco bem esticado e minha vida vai desaparecer no nada do esquecimento.

Agora, minhas palavras estão cheias de amargura e a imensidão da minha dor sufoca meus gemidos[11].

Sim! Sim! Infeliz de mim! Se eu pudesse voltar aos meus primeiros dias. Se eu pudesse ter ainda tempo, o tempo precioso que me foi dado e se eu soubesse o que sei agora! Como eu desprezei esse tempo e como eu o perdi em coisas inúteis! Ele passou e eu não posso fazê-lo voltar.

Desafortunado que sou! Uma dessas horas perdidas deveria me ser mais preciosa do que o mundo inteiro. Mas agora eu choro sua perda e todas as minhas lágrimas não podem me devolver um só instante. Por que eu não empreguei melhor esse tempo que me foi dado para morrer bem?

Ó vocês, gente jovem que está na primavera da vida e que possuem os ricos e alegres anos! Pensem em minha infelicidade e que meu exemplo os ensine a se darem a Deus, para que não lhes aconteça um dia o que me acontece agora.

Ó juventude mal empregada e belos anos perdidos no pecado! Eu não quis ouvir as repreensões dos meus pais e dos meus amigos. Eu não quis renunciar aos meus prazeres e caí, sem pensar, nas armadilhas da morte. Teria sido melhor para mim ter morrido no ventre

[11] Jó 23: 2.

da minha mãe do que ter, para me censurar, o abuso do tempo e a perda da minha vida.

O Discípulo: Meu caro irmão, retorne a Deus com um arrependimento sincero pelos seus pecados e, se você terminar bem, tudo será reparado e você será salvo.

O moribundo: O que você me diz não é um absurdo, não é impossível? Como você quer que, no momento da morte, eu faça penitência e retorne a Deus? Estou nas angústias do terror e pareço um passarinho que está mais morto do que vivo nas garras do falcão. Eu só penso em escapar da morte que me espera, mas vejo que não posso evitá-la. Ela me oprime, ela me golpeia e minha alma vai deixar meu corpo.

Ai! Por que não retornei a Deus, com uma penitência sincera, quando eu tinha saúde? Como agora eu morreria alegre e feliz!

Quem abandona Deus e adia sua conversão quando está bem merece não poder fazer penitência no momento de sua morte.

Ai! Eu adiei de ano para ano e de dia para dia e só consegui me perder com todos os meus propósitos e minhas estéreis promessas. Eu fugi sem cessar da penitência e agora caí no abismo e nas trevas da morte.

Minha maior infelicidade foi ter passado os meus trinta anos sem ter empregado talvez um só dia para a glória de Deus e sem ter

feito uma só ação que lhe fosse agradável. Este é o meu remorso mais cruel.

Que vergonha! Que confusão, quando eu comparecer perante a majestade terrível de Deus, diante de toda a corte celeste!

Agora que vou expirar, uma só Ave Maria que eu rezasse com devoção me seria mais preciosa do que todo o ouro do mundo.

Ah, Senhor! Que bens eu perdi, ao não aproveitar o tempo e em que infortúnio eu me precipitei com vis prazeres! Como eu me felicitaria por ter, na minha juventude, evitado os amigos do mundo!

Eu teria mais méritos, ao me abster, por amor a Deus, de um único olhar impuro e proibido, do que se outros oferecessem, a esta hora, por mim, trinta anos de fervorosas preces.

Ó vocês que devem morrer! Escutem uma coisa assustadora. Eu morro e, como não fiz nenhuma boa ação, eu imploro os méritos das pessoas virtuosas para resgatar minha vida culpada, mas todos me recusam, porque temem que o óleo das lamparinas seja insuficiente para sua salvação[12]. E eu, que podia ter enriquecido quando tinha saúde, peço inutilmente uma esmola espiritual que possa, não me obter alguma recompensa, mas talvez me conciliar com a misericórdia divina e diminuir um pouco minha dívida.

Ó vocês todos, jovens e velhos! Aprendam comigo a adquirir, com boas obras, durante esta vida, graças e méritos. Não contem com

---

[12] Cf. Mateus 25: 1-12.

a hora da morte para mendigar méritos alheios, porque vocês não encontrarão ninguém que tenha a vontade e o poder de socorrer vocês.

O Discípulo: Suas queixas e suas angústias me dilaceram o coração. Sua infelicidade me faz pensar em mim mesmo e lhe imploro, pelo Deus vivo, que me diga o que devo fazer, enquanto estou com saúde, para evitar sua triste sorte.

O moribundo: O que toda pessoa viva tem de mais prudente e de mais sábio a fazer é confessar frequentemente, com um grande cuidado e uma dor profunda, todos os seus pecados. Após esta confissão, ela deve organizar sua vida de maneira a estar pronta para morrer a cada semana, a cada dia.

Imagine que sua alma está condenada a dez anos de penas e suplícios no purgatório e que você só tem um ano para socorrê-la e libertá-la das chamas. Escute uma voz lamentável que clama para você: "Ó meu fiel amigo! Estenda-me uma mão socorrista e retire-me destas chamas cruéis. Estou infeliz, pobre e desolado e só tenho você para me ajudar. O mundo inteiro me esqueceu, pois *todos buscam os próprios interesses*[13]".

O Discípulo: Todos os seus conselhos são bons e benéficos e se as pessoas compreendessem as coisas como você as compreende agora, elas ficariam profundamente impressionadas. Mas a gente do

[13] Filipenses 2: 21.

mundo não presta atenção a isto. Eles têm ouvidos e não ouvem; olhos e não veem. Ninguém pensa em morrer quando está vivo e com saúde. Para isto, espera-se que a alma deixe o corpo.

O moribundo: Assim, quando forem atingidos pelas flechas da morte, acharão por bem lançar gritos e gemidos, mas o céu e a terra permanecerão impiedosos.

De cada cem cristãos que vivem no mundo ou no claustro, mal haverá um que será sensibilizado por minhas palavras e que mudará de comportamento. Desses cem cristãos, portanto, mal haverá um que morrerá bem preparado.

Quase todos caem nas malhas da morte sem terem pensado em seu fim último. Quase todos expiram sem se reconhecerem e sem terem feito penitência, porque a vanglória, o orgulho da vida, os prazeres do corpo, o amor pelo que passa bem rápido, a preocupação com seus interesses materiais os jogam na mais deplorável cegueira.

Se você quer evitar, como a minoria, as consequências terríveis de uma morte imprevista, escute meus conselhos. Pense continuamente na morte e imagine que sua alma já está nas chamas do purgatório. As preces e as boas obras que você fará para libertá-la logo diminuirão o medo e o horror que você tem da morte e seu coração acabará por desejá-la e esperá-la com amor.

Que esta seja sua meditação mais frequente e mais séria. Grave minhas palavras em seu espírito e não se esqueça das lições que lhe

dou no meio das perturbações da minha morte e das trevas da minha última noite.

Oh, como é abençoado por Deus quem chega a essa hora terrível bem preparado! Ele deixa a terra para o céu sem experimentar a amargura da morte.

Ai, misericordioso Mestre! Qual será, em instantes, o asilo, o refúgio da minha alma nessa região desconhecida da outra vida?

Ai! Sinto que tudo me abandona e que minha alma vai sofrer no meio de todas as almas caídas nas chamas da vossa justiça! Que amigo verdadeiro e devotado poderá me socorrer?

Mas, chega de gemidos! Chegou a hora de partir! Eu morro. Não posso mais reter a vida. Minhas mãos estão frias e meu rosto está lívido. Meus olhos se escurecem, as angústias da morte me oprimem, mal posso respirar ainda. O mundo desaparece, sua luz foge de mim, entrevejo outra vida.

Ah, que espetáculo! Vejo, ao redor de mim, fantasmas horríveis. Os demônios do inferno me rodeiam e fazem todos os esforços para se apoderarem da minha alma.

Ó Deus! Ó justiça! Como vossos julgamentos são severos e como me pesam minhas menores faltas!

Ai! Que suor gelado banha meu corpo! Oh, que rosto terrível tem meu juiz!

Percebo as chamas ardentes do purgatório que atormentam as almas e as agitam como centelhas. Todas gritam com uma voz lamentável:

"Ai! Ai! Que suplício suportamos! Ninguém poderá jamais compreender a multiplicidade e a grandeza das nossas penas! Ó vocês que vivem! Socorram-nos em nossa infelicidade e nossas desolações. Onde estão agora as lembranças da amizade? Sua promessas eram enganosas, pois estamos no abandono e no esquecimento. *Compadecei-vos de mim, compadecei-vos de mim, ao menos vós, que sois meus amigos*[14] Nós os amamos, nós lhes prestamos todos os serviços possíveis. É assim que vocês nos recompensam por nossa devoção? Vocês não têm nenhuma compaixão por nós? Todavia, nossos suplícios ultrapassam todos os tormentos dos mártires e sofremos mais em uma hora do que em cem anos na Terra. Como teria sido bom ter previsto estas chamas e este abandono! Ó chama cruel! Ó privação ainda mais cruel de Deus!"

Mas eu caio no meio de todos estes horrores. Não tenho mais forças. Eu expiro.

O Discípulo: Ó Divina Sabedoria! Onde estais? Abandonaste-me? Ó meu Jesus! Como este espetáculo da morte me apavorou! Não

[14] Jó 19: 21.

sei se minha alma ainda está em meu corpo e se o medo não secou minha vida.

Eu vos agradeço, Senhor, por este ensinamento e farei tudo para aproveitá-lo. Jamais passarei um só dia sem meditar sobre a morte, para prever suas emboscadas e não ser vítima de suas surpresas. Quero aprender a morrer enquanto estou com saúde. Todos os meus pensamentos serão dirigidos para o outro mundo, porque neste, *tudo é vaidade*[15].

Não esperarei meu último dia para me arrepender e começarei minha penitência já na força da minha juventude. Longe de mim agora um leito voluptuoso, um alimento delicado, os vinhos preciosos, os sonos longos, as honrarias perecíveis, o bem-estar e os prazeres do corpo.

Como poderei suportar os tormentos do purgatório, se não tenho coragem de fazer penitência agora?

Sim, quero hoje mesmo começar a aliviar minha pobre alma, que todos esquecerão quando ela estiver nas chamas da expiação.

A Sabedoria: Você faz bem, meu amigo, em pensar, na juventude, nos perigos da morte, pois, em seu último momento, ninguém poderá socorrer você e você não terá outro refúgio que não seja minha Paixão, minha morte e minha infinita misericórdia. Mergulhe-se

---

[15] Eclesiastes 12: 8.

então em meu sangue precioso, com fé e humildade e você será salvo.

O Discípulo: É por isto, meu Jesus, que me prostro aos vossos pés sagrados, gemendo e vos suplicando que queirais me castigar e me purificar antes que eu caia nos suplícios incompreensíveis do purgatório.

Como fui insensato quando pensei que esse purgatório era nada e que seria uma felicidade ir para ele! Agora, eu temo tanto suas chamas devoradoras que não posso nem pensar nele sem ficar todo trêmulo de pavor.

A Sabedoria: Coragem, meu filho, pois esse *temor é o princípio da Sabedoria*[16] e o caminho da glória. Você não se lembra dos louvores que as santas Escrituras dão àqueles que temem e meditam continuamente sobre a morte?

Você deve me dar graças por pensar assim como você faz, pois isto é algo bem raro neste mundo. Todavia, as advertências se renovam sem cessar e a ilusão é impossível.

Os infelizes caem ao morrerem nos precipícios terríveis do inferno. Eles choram, eles gemem, eles percebem então a própria tolice, mas é muito tarde.

Lembre-se, se puder, de todos os seus contemporâneos que estão mortos e evoque-os em seu espírito. Converse com eles e pergun-

---

[16] Provérbios 9: 10.

te-lhes o que eles se tornaram. Escute seus suspiros, seus gritos lancinantes e aproveite seus sábios conselhos.

Bem-aventurado é aquele que aprende com os outros a se dedicar em tempo à própria salvação. Se você for sábio, esperará a morte a cada dia. Você estará sempre pronto a recebê-la e a partir para a grande viagem.

O que há de mais incerto na vida? O ser humano é como o passarinho sobre o qual plaina o falcão ou como o desafortunado que vê chegar à praia o barco rápido que o levará para sempre para bem longe de sua pátria.

A verdadeira sabedoria é se antecipar ao seu fim último e ir, através da meditação, ao encontro da morte.

XXV
O santíssimo sacramento da Eucaristia.

O Discípulo: Se vós me concedeis a graça, ó compassiva Sabedoria, de entrar na intimidade de vossos divinos mistérios, eu vos pediria outros segredos de vosso amor. É certo que o abismo impenetrável de vosso infinito amor nos está largamente aberto por vossa dolorosa Paixão e por vossa morte. Mas, diga-me, não podeis nos dar outras provas tão impressionantes de vossa ternura por nós?

A Sabedoria: Como eu não poderia? É tão impossível contar as estrelas do céu quanto as provas e os testemunhos do meu infinito amor.

O Discípulo: Ó meu Jesus, meu doce amor! Veja o quanto minha alma definha em vossa espera e concedei ao vosso servidor a paz e a felicidade da vossa presença. Vedes que todas as afeições da Terra estão mortas em mim e eu só desejo os tesouros do vosso amor. Sabeis bem que é próprio do amor jamais ficar saciado com seu objeto. Quanto mais ele o possui, mas ele deseja possuí-lo. Digai-me então, ascendente Sabedoria, qual é, com vossa Paixão e vossa morte, a grande prova do vosso amor que destes em vossa encarnação.

A Sabedoria: Responda-me primeiro: dentre as coisas preciosas, qual é a mais preciosa para quem ama?

O Discípulo: A presença de quem é amado, eu creio. Seus abraços e seu prazer assegurado.

A Sabedoria: Isto é verdade. E, como eu previ que meus fiéis amigos seriam atormentados pelo desejo da minha presença, eu quis, na última ceia, por meio do sacramento da Eucaristia, permanecer presente para minha Igreja e meus amigos até o fim dos tempos.

O Discípulo: Mas Senhor! Desculpe minha ignorância. Como vosso corpo bem-aventurado e glorificado pode estar sob as fracas aparências do pão? Como eu posso vos ver presente neste sacramento?

A Sabedoria: Nada é impossível à minha onipotência infinita e se os sentidos lhe fazem falta, é preciso supri-los com uma fé simples e sincera, sem pensar em sondar abismos incompreensíveis. Eu estou presente para você no altar, verdadeiro Deus e verdadeiro ser humano, com meu corpo, minha alma, minha carne e meu sangue, como estive nos braços e no ventre da minha Mãe bem-amada e como estou no céu, na perfeição da minha glória.

Diga-me como se mostra um palácio em um espelho e em cada fragmento desse espelho, assim como toda a extensão do céu é apreendida pelo olho, que é tão pequeno. Não é preciso muito mais poder para criar do nada o céu, a terra e todo o universo, do que para transformar invisivelmente o pão em meu corpo? Por que se admirar mais com um do que com o outro? Quantas coisas há no mundo que você acredita sem ver? As criaturas invisíveis não ultrapassam em muito as criaturas visíveis? Quem não acredita firmemente ter uma alma? No entanto, ninguém a viu?

Se eu o interrogasse sobre os caminhos do mar profundo e sobre as águas superiores, você não me responderia que estas coisas ultrapassam as suas faculdades, já que você nunca penetrou o mar profundo e nem visitou as alturas dos céus? Mas, se você não compreende as coisas naturais e terrenas, como você quer compreender as coisas celestes e divinas?

Se uma mãe amamentasse e criasse um filho em uma prisão completamente escura, tudo o que ela lhe contaria sobre o sol e as estrelas o deixaria admirado e lhe pareceria inacreditável. No entanto, sua mãe não o teria enganado. Que lhe baste então saber que a Eucaristia é obra da minha onipotência e do meu amor. Que a fé o sustente e você desfrutará da minha presença.

O Discípulo: Como se recusar a acreditar no que ensinais, ó meu Jesus, se vós sois a verdade que não pode mentir, a sabedoria que não pode enganar e a onipotência que nada pode limitar?

Que eu tenha tanto amor quanto todas as criaturas! Que eu tenha uma consciência pura como a dos anjos, uma alma ornada com todas as belezas e todas as virtudes, para receber-vos em mim com tanto ardor, tanto poder, que nem a vida e nem a morte poderiam jamais me separar de vós!

Se me enviasses um anjo como embaixador, eu não saberia que honra lhe prestar para recebê-lo adequadamente. O que devo então fazer por vós, que sois o Rei da Glória, o bem-amado da minha alma, o bem único, soberano, que encerra tudo o que pode desejar meu coração no tempo e na eternidade?

Vós sois, ó doce Jesus, o que o olho considera o mais belo, o palato considera o mais doce, o tato considera o mais delicado e o coração considera o mais amável. Mas eu não sei, realmente, como

me unir a vós. Vossa presença me atrai e me inflama, mas vossa majestade me afasta e me assusta.

Minha razão quer que eu vos adore no silêncio e no temor e meu coração quer vos amar e vos abraçar como seu único bem-amado. Só vós, ó Jesus, sois meu Senhor, meu Deus, meu irmão, o esposo da minha alma.

Ah, se eu pudesse transformar todos os meus membros, meus ossos, minha carne em amor! Ah, se eu não tivesse nada além de amor, para poder reconhecer vossas bondades!

O que me importaria o mundo, se vós vos desse realmente a mim, para que eu vos pressionasse com minhas mãos, vos amasse e desfrutasse de toda a intimidade da vossa presença?

Eu me consideraria muito feliz se tivesse podido, da ferida do vosso coração, recolher uma só gota de sangue e conservá-la. Mas, eis que com vosso sacramento, eu recebo na boca, em meu coração e em minha alma, vosso precioso sangue que os anjos do céu adoram.

Ó sacramento de amor! Cálice de inefável ternura! Que dom, Senhor, receber em mim vosso próprio amor e ser transformado nele pela graça!

Eu não desejo mais vos ver sem véu, porque a fé, superior aos sentidos e à inteligência, me basta, já que vos possuo com certeza, nada me falta e eu não posso desejar mais.

Sim, eu gostaria de louvar dignamente e glorificar a grandeza da vossa sabedoria e os tesouros da vossa ciência.

Ó profundeza e imensidão de amor! Pensamento sublime! Alimento puríssimo! Sacramento inefável!

Senhor, se em vossos dons e na efusão da vossa graça e do vosso amor, vós sois tão grande, tão admirável, tão incompreensível, o que sois então em vossa própria essência?

Ó alma minha! Prepare com cuidado sua morada para um rei tão augusto, seu coração para um hóspede tão doce, seu amor para um esposo tão puro e tão arrebatador. Vá ao encontro dele com os sentimentos de humildade e de respeito com que é capaz.

XXVI
De que maneira a alma deve se preparar para receber a Eucaristia.

O Discípulo: Reconheço, divina Sabedoria, vosso amor, vossa bondade, vossa grandeza no sacramento da Eucaristia. Mas, compreendo com isto que me é impossível receber-vos dignamente se vós não me ensinardes.

A Sabedoria: Venha a mim com o respeito e a humildade que minha divindade merece. Mantenha-me em sua alma, não me perdendo jamais de vista. Considere-me e trate-me como a esposa que-

rida que escolheu seu coração. Que a fome por este alimento celeste o faça buscá-lo com mais frequência.

Uma alma que deseja me dar a hospitalidade de uma vida retirada e desfrutar da intimidade das minhas efusões deve ser pura e livre de qualquer preocupação estéril, morta para ela mesma e para todos os afetos, ornamentada com virtudes e toda enfeitada com as rosas vermelhas da caridade, as violetas odoríferas de uma humildade profunda e os lírios deslumbrantes de uma inviolável pureza. É assim que você me preparará o leito macio e pacífico do seu coração, pois "faço minha morada na paz"[17].

Que eu seja objeto dos seus desejos e dos seus abraços, mas que eu tenha seu amor sem partilhar. Eu fujo da alma que ama a Terra, como o passarinho foge do falcão.

Cante-me os cânticos de Sião, para celebrar as maravilhas da minha bondade em um grande sacramento e que seus louvores sejam efusões de amor. Da minha parte, eu lhe retribuirei ternura com ternura. Eu o farei desfrutar da minha paz verdadeira, de uma clara visão de mim mesmo, de uma alegria sem mistura, de uma doçura inefável, de um antegozo da beatitude eterna. Estas graças são concedidas somente aos meus amigos que clamam, na embriaguez destes favores secretos: *Verdadeiramente, vós sois um Deus escondido!*[18].

---

[17] Salmo 75: 3. *Factus est in pace locus ejus*.
[18] Isaías 45: 15. *Vere, tu es Deus absconditus*.

O Discípulo: Ai, por que estou me queixando? Tantas vezes colhi rosas sem sentir seu perfume. Caminhei por entre essas flores sem vê-las. Recebi seu bálsamo, mas não fui penetrado por ele. Fiquei coberto por um orvalho fecundo, mas permaneci um ramo seco e árido.

Ó meu Jesus, hóspede amável das almas puras! Quantas vezes eu o recebi e o rejeitei! Quantas vezes eu comi o pão dos anjos sem fome e sem desejo?

Se eu tivesse que receber um anjo, com que respeito eu o faria! Mas o Rei dos Anjos, eu não recebi!

Como eu lamento amargamente ter sido, em vossa presença eucarística, tão superficial, tão frio, tão ignorante, tão perto com meu corpo, mas tão afastado com meu coração!

Quando vós me visitáveis e vossos olhos estavam tão ternamente fixados em minha alma, eu estava distraído. Eu pensava em outras coisas, sem temer vossa soberana majestade. Todavia, ó meu Jesus, era muito justo estar totalmente para vós, vos oferecer minhas homenagens, meus anseios e meu coração, derramar-me em amor, em louvores e em fervorosas ações de graça.

Em reparação por meus esquecimentos e minhas faltas, eu me prostro aos vossos pés e, em presença de todos os anjos que vos adoram no augusto sacramento, eu vos reconheço como meu Deus, meu Senhor, como a Sabedoria Eterna, o Verbo Encarnado, o ser humano

perfeito que reina agora na glória e eu vos suplico que compadeça das minhas distrações e das minhas irreverências. Que vossa misericórdia se deixe tocar por minhas lágrimas. Esqueçai todas as faltas que cometi contra o sacramento do vosso amor.

XXVII
Quantas graças se adquire com a Comunhão frequente.

O Discípulo: Agora, Eterna Sabedoria, digai-me que bem propicia vossa presença eucarística na alma fiel que vos recebe com amor e desejo.

A Sabedoria: Meu filho, esta pergunta é digna de alguém que ama? O que há de melhor do que eu mesmo? O que se pode desejar quando se está unido ao objeto do seu amor? E quando nos damos, o que podemos recusar? Neste sacramento, eu me dou a você e o tiro de você, você me encontra e se perde, para ser transformado em mim mesmo.

Diga-me, o que faz a doçura da primavera nos campos e nos jardins, quando passaram o gelo, as neves, os ventos e os rigores do inverno? O que faz o brilho das estrelas à obscuridade da noite? O que fazem os raios do sol para um ar transparente?

Todos os bens afluem, com minha presença, à alma que me recebe com amor. Meu corpo glorioso não oferece o encanto do verão?

Minha alma não ultrapassa os esplendores das estrelas e minha divindade não é mais rica em luz do que multidões de sois?

O Discípulo: Mas, Senhor, eu não experimento as doçuras que mencionais. Eu permaneço, na Comunhão, árido, frio, insensível. Eu sou frio como um cego que jamais viu o sol. Gostaria que me destes sinais mais precisos, provas mais evidentes da vossa presença.

A Sabedoria: Quanto menos a fé tem sinais e provas, mais ela é pura e meritória. Eu não sou, neste sacramento, uma luz exterior que se mostra e que sensibiliza os sentidos. Eu sou um bem tão superior quanto mais interior e oculto eu sou.

Os seres crescem e você só vê seu desenvolvimento quando ele terminou. Minha virtude é secreta, minhas graças são imperceptíveis e meus dons são recebidos sem serem sentidos e sem serem vistos. Eu sou um pão de vida para as almas bem preparadas, um pão inútil para os negligentes e para os indignos, para aqueles que são culpados de pecados mortais, uma praga temporal e uma ruína eterna.

O Discípulo: Vossas palavras, Senhor, me fazem compreender o quanto é difícil se preparar dignamente para um sacramento tão grande.

A Sabedoria: Jamais alguém neste mundo pôde me receber de uma maneira adequada. Mesmo que você tivesse toda a santidade dos bem-aventurados e a pureza dos anjos, você ainda não seria digno desta honra.

Mas não se desencoraje por causa disto. Faça tudo o que você pode fazer. Eu não lhe peço mais do que isto e suprirei o que falta à fraqueza humana. Um doente deve afastar todo medo e obedecer às prescrições sábias do médico até que fique curado.

O Discípulo: Talvez, Senhor, fosse melhor, por respeito e por prudência, nos aproximarmos mais raramente do vosso sacramento.

A Sabedoria: Se você sente aumentar em você a graça e o desejo por este alimento divino, é preciso que se aproxime dele com mais frequência. Se você acha que não faz nenhum progresso ao recebê-lo e se você só sente secura, frieza e indiferença, não se perturbe, mas prepare-se da melhor maneira que lhe seja possível e não abandone a Comunhão, porque, quanto mais você se unir a ela, mais você melhorará.

É melhor comungar por amor do que se abster por temor e a salvação da alma está mais assegurada na simplicidade da fé, nas securas e nas dores interiores do que nas doçuras e nas delícias do espírito.

O Discípulo: A alma não poderia se abster por temor e vos receber somente espiritualmente?

A Sabedoria: Diga-me se não é uma felicidade maior receber a mim e a minha graça do que receber somente minha graça? Não é melhor, com minha graça, possuir minha presença real?

XXVIII
O louvor que se deve a Deus.

O Discípulo: *Louva, ó minha alma, o Senhor! Louvarei o Senhor por toda a vida. Salmodiarei ao meu Deus enquanto existir*[19].

Ó Senhor, quem ajudará meu coração a vos expressar o que sente? Como ele poderá vos bendizer, vos louvar antes de minha morte, segundo vosso desejo? Como celebrar dignamente na minha vida o Deus da majestade que tanto ama minha alma?

Ah, se do meu coração escapasse a harmonia de todos os instrumentos de música, se minha voz repetisse todos os cânticos que Deus jamais ouviu, se eu pudesse desfrutar da repercussão do meu reconhecimento por toda a corte celeste!

Ó meu Jesus, sou indigno de vos louvar e, no entanto, esta é a ambição da minha alma. Que o céu faça isto por mim, com seus planetas, suas estrelas, sua luz, seu esplendores. Que a Terra vos louve com a beleza de suas rosas e a riqueza das suas flores. Se eu tivesse os pensamentos, os desejos das almas puras e santas quando Deus as ilumina com os tesouros da sua graça, com que ardor, ó meu Jesus, ó Sabedoria Eterna, eu glorificaria vosso nome!

Sim, quando derramais em meu coração o sentimento e o pensamento de vos louvar, eu desfaleço de amor e de felicidade e, em minha embriaguez, eu perco as expressões e a palavra, porque com-

[19] Salmo 145: 1 e 2.

preendo o quanto vossa soberana majestade está acima de qualquer louvor.

Eu me dirijo, para me suprir, às mais belas criaturas do céu, aos espíritos mais puros e os mais sublimes do Paraíso. Eu vejo que a própria eternidade é muito estreita para celebrar vossa bondade. O que poderia então vos dizer minha baixeza e meu nada?

A ordem admirável que reina no universo, o espaço e suas profundezas, as florestas, os campos, as montanhas e os vales fazem ressoar em meus ouvidos um concerto magnífico em vossa honra. Eu ouço todas as belezas do céu e da terra que clamam: "Como é amável, como é adorável o Deus que nos criou! Ame-o e adore-o, pois ele é a fonte de toda beleza. Mas, se esse Deus, tão grande, tão belo, tão sublime, se une à sua alma, como sua bem-amada, como você não poderá morrer de amor?"

Ó meu Jesus, Eterna Sabedoria! Consolai-me e mostrai-me o que devo fazer.

A Sabedoria: O que você deseja? É aprender a me louvar?

O Discípulo: Ah, Senhor, por que me provocar? Vós conheceis os corações humanos e sabeis que o único anseio do meu é louvar-vos e que esta é minha paixão desde minha infância.

A Sabedoria: Meu louvor demanda muita retidão, justiça e santidade.

O Discípulo: Ó boníssimo Jesus! Minha justiça e minha santidade estão em vossa infinita misericórdia.

Eu sinto mesmo minha indignidade, minha baixeza e confesso que deveria mais chorar perante vós meus pecados do que celebrar vossos louvores. Que vossa bondade infinita não despreze um pobre verme da terra e que ela o ajude a satisfazer seu desejo.

Os anjos e os querubins vos louvam em graus diferentes e, sem vossa ajuda, eles não poderiam fazer isto melhor do que a menor das criaturas. Vós não precisais dos nossos louvores, mas nada demonstra melhor vossa infinita bondade do que acolher os infelizes e vos deixar ser louvado pelos indignos.

A Sabedoria: Nenhuma criatura pode me louvar dignamente. No entanto, toda criatura, pequena ou grande, está obrigada, na medida de suas forças, a louvar seu Criador.

Quanto mais eu me uno à alma, mais eu mereço seus louvores e os louvores que mais me honram são aqueles que se parecem com os louvores dos habitantes do céu. Esses louvores são livres das nuvens da Terra, já que eles vêm dos corações unidos a mim por uma devoção verdadeira e por um amor sincero.

Eu sou mais louvado e mais desfrutado através de uma meditação e através de uma expansão silenciosa do coração, do que por todos os cânticos que poderiam entoar a boca e os lábios. Uma alma que despreza a si mesma, que não quer ser estimada e nem conheci-

da, que se coloca abaixo de todo mundo e que se compraz com este abaixamento me encanta mais do que todos os concertos e as harmonias que se poderia executar. Foi sobretudo este louvor que dirigi ao meu Pai quando estive pregado na cruz, desfigurado, humilhado, injuriado e nas angústias da morte.

O louvor que não vem do coração me desagrada e eu recuso aqueles que me são dirigidos na prosperidade e que se calam no infortúnio. O louvor que voa e sob até mim, como um incenso de bom odor, é aquele feito ao mesmo tempo pelo coração, as palavras e os atos e isto, tanto nas coisas contrárias quanto nos momentos felizes, pois aquele que me louva nas coisas contrárias prova que me ama realmente mais do que a ele mesmo e este é para mim o louvor mais perfeito.

O Discípulo: Misericordiosíssimo Jesus! Eu não vos peço cruzes e aflições e procuro até mesmo evitá-las. No entanto, com a ajuda da vossa graça onipotente, eu me abandono a vós do fundo do meu coração e me ofereço para ser o instrumento do vosso eterno louvor. Eu sei bem que a renúncia total e perfeita de mim mesmo está acima das minhas forças e só pode vir de vós. Se for do vosso agrado então, Senhor, que eu seja a mais desprezada das criaturas, que me injuriem, que me cuspam no rosto e que me façam morrer em suplícios. Com vosso socorro, eu suportarei tudo pela glória do vosso nome, mesmo que eu seja inocente e, se sou culpado, eu aceitarei todos os

meus tormentos para satisfazer vossa justiça, que me será sempre mais cara do que minha própria honra.

Assim, eu me entrego a tudo o que vossa misericórdia decidir e clamarei para vós como o bom ladrão, no meio das minhas dores: *Para nós isto é justo; recebemos o que mereceram os nossos crimes. Mas* vós não fizestes *mal algum. Jesus, lembra-te de mim, quando tiveres chegado ao teu Reino!*[20] E se agora minha morte pudesse vos honrar, eu não gostaria que ela fosse adiada um só instante.

Eu só desejo uma coisa: é que os anos, os meses, as semanas, os dias, as horas, os minutos de minha vida celebrem vossos louvores, como eles fazem nos esplendores dos santos e isto, não só uma vez, cem vezes, mil vezes, mas o tanto de vezes que há estrelas no céu e o quanto se percebem átomos nos raios do sol.

Assim, eu gostaria de fazer, se eu tivesse que viver a longa vida dos Patriarcas e se, ao deixar a Terra, vós me deixasses por cinquenta anos nas chamas do purgatório, eu me rejubilaria, porque todos os meus sofrimentos vos louvariam e vos honrariam. Eu me prostraria aos vossos pés e vos diria: “Bendito seja o fogo do purgatório, pelo qual vossa glória se cumpre em mim”.

Sim, Senhor, eu não me considero para nada. Sois vós e vosso beneplácito que eu desejo, que eu amo, que eu busco e mesmo se, para a glória do vosso nome, eu caísse no inferno, se eu sofresse seus

[20] Lucas 23: 41e 42.

tormentos, se eu fosse privado da vossa contemplação bem-aventurada, eu não me queixaria, desde que eu pudesse, com minhas dores, expiar todos dos pecados do mundo, todas as injúrias que vos fizeram e adorar, glorificar vossa bondade infinita e vossa soberana majestade.

Vossos louvores sairiam ainda do abismo e do meu coração partido. Eles preencheriam o inferno, a Terra, o ar e se elevariam até vós no céu. Mas, *quem vos louvará no inferno?*[21]

Faça então comigo, ó meu Jesus, tudo que for necessário para vossa glória, vossa honra. Eu vos louvarei até meu último suspiro e quando a morte extinguir minha voz, eu quero que os movimentos do meu corpo e das minhas mãos, os batimentos do meu coração sentimental vos louvem e que meu último sopro vos diga ainda e sempre: “Santo, santo, santo!”

Quando minha carne tiver se reduzido a pó, que todos os grãos desse pó exultem com vossos louvores e que eles sejam levados para os desertos, para os espaços e até vossa presença, no céu e eles não parem até o último dia do mundo.

A Sabedoria: Persevere nestes santos propósitos. Sua dedicação me é agradável. Que sua boca me louve para estimular seu coração. Comece, desde esta vida, esses cânticos sem fim que você continuará na outra.

---

[21] Salmo 6: 6.

O Discípulo: Eu desejo tanto isto, Senhor, que não gostaria de viver um só instante sem vos louvar. Quantas vezes eu me queixei, durante a noite, da fuga do tempo! "Por que precipitar assim seu curso? Pare um pouco e prolongue as trevas, para que eu possa satisfazer meu desejo de continuar a louvar meu doce Senhor", eu disse ao céu.

E quando me acontece de ficar distraído por algum tempo dos vossos louvores e eu retorno em seguida a mim, parece-me que se passaram anos sem que eu louvasse Jesus. Dedique-se então a louvá-lo sem cessar, meu pobre coração! Mas vós, ó Sabedoria Eterna, ensine-o a continuar sempre e a jamais parar.

A Sabedoria: Quem sempre evita o pecado e pratica a virtude me louva sem cessar. Mas, já que você deseja conhecer um louvor mais perfeito, saiba que sua alma pura e preenchida com a meditação sobre as coisas do céu, uma alma livre de todo defeito e libertada de todo desejo, uma alma erguida acima da terra e que desfruta de uma paz tal em minha divindade que só pensa em se unir a ela, essa alma me louva sempre, porque seus sentidos estão absorvidos pela luz que a rodeia e sua forma terrena está revestida pela natureza dos anjos. Seja o que for que ela faça interior ou exteriormente __ seja meditar, seja rezar, seja trabalhar, seja comer, seja dormir ou seja ficar desperta __ sua menor ação é um louvor puro e agradável a Deus.

O Discípulo: Como me ensinais docemente, Senhor, a vos louvar de uma maneira perfeita. Mas digai-me qual será o pretexto e o tema dos meus louvores e das minhas bênçãos.

A Sabedoria: Eu não sou a fonte infinita de todos os bens e não é de mim que flui a felicidade de todas as criaturas?

O Discípulo: Senhor, vossa bondade ultrapassa minha compreensão. Que os cedros do Líbano, que os espíritos angélicos a celebrem. Mas eu, que sou apenas miséria e baixeza junto a eles, não posso louvar essa fonte primeira de todo bem e adorar como merece vossa essência infinita.

No desejo de fazê-lo, eu apelarei aos anjos, para a dignidade e excelência da natureza deles. Quanto mais eles se sentirem elevados na glória, mais eles serão levados a celebrar, com louvores magníficos, vossa soberana majestade. Eu serei para eles como o pássaro que grita para provocar os cantos do rouxinol.

Eu me recolherei a mim mesmo e, de lá, contemplarei as benesses que derramais em minha alma e vos bendirei e vos darei fervorosas ações de graças.

Sim, quando eu me lembro de quantos males e perigos vós me livrastes, eu compreendo o quanto vos devo e eu me admiro por não me esgotar com tantos cânticos de reconhecimento.

Oh, como tendes sido paciente em me esperar; como tendes sido indulgente em me receber, como tendes sido doce em vossos ape-

los interiores, como tendes sido terno em me atrair e ligar a vós, apesar das minhas resistências e minha ingratidão! Como não vos louvar com todo o ardor da minha alma por tantas benesses!

Sim, Senhor, eu quero vos louvar como os anjos, quando eles se viram confirmados na graça, depois da queda dos espíritos rebeldes; como as almas do purgatório, quando, no momento da libertação delas, elas entram no céu e começam a desfrutar de vossa presença.

Eu gostaria de ter, para vos bendizer, os cânticos que vos cantarão os eleitos na Jerusalém Celeste, quando o julgamento final os tiver separado dos reprovados e eles se verão enfim seguros de sua eternidade bem-aventurada.

Mas, Senhor, diga-me como eu devo remeter à vossa glória os impulsos da natureza, bons ou indiferentes.

A Sabedoria: O ser humano não pode, nesta vida mortal, diferenciar a natureza e a graça e deve, assim que sentir em seu corpo ou em sua alma alguma alegria ou algum prazer, logo se recolher a ele mesmo e remeter estas emoções a Deus, para que ele as purifique e as direcione para sua glória. Ele as transformará, pois ele é o Senhor da natureza e da graça e, por este meio, a natureza se erguerá acima dela mesma e se transformará em graça.

O Discípulo: Mas o que me aflige, Senhor e me distrai em vosso louvor, são as sugestões do demônio, as tentações da impiedade, da blasfêmia, da infidelidade, os maus e vergonhosos pensamentos

que ele semeia em minha alma. Ensinai-me como devo reportá-los a vosso louvor.

A Sabedoria: Em todas as tentações do seu inimigo, volte-se para Deus e lhe diga: "Senhor, todas as vezes em que os maus espíritos me tentam, eu quero vos louvar como eles vos louvariam se tivesse perseverado no bem. Eu suprirei assim as honras que a queda deles vos privaram".

O Discípulo: É bem verdade, Senhor, que tudo beneficia aqueles que vos amam, já que até mesmo as tentações dos demônios lhes servem e os ajudam a vos bendizer. Que louvores vos prestariam então por todas as belezas e magnificências que preenchem o mundo?

A Sabedoria: Quando você observar nesta vida a atividade das pessoas, a força e a graça dos homens e das mulheres, pense em Deus e diga-lhe, do fundo do seu coração: "Ó meu Jesus, que possa vos saudar e vos louvar por mim a multidão inumerável dos belos anjos que vos rodeiam e vos servem! Que possam vos glorificar por mim os desejos e os ardores dos santos e a harmonia sublime de todas as criaturas que preenchem o universo!"

O Discípulo: Ó Sabedoria Infinita! Como me rejubilais, como dilatais meu coração, ao me ensinardes assim a vos louvar!

Quando virá o último dia que porá fim ao meu exílio? Quando vos dirigirei, com os santos, os cânticos perfeitos que nada perturbará o encanto e a duração?

É esta necessidade que me devora, pois, como não aspirar a vós, meu Jesus, a única alegria do meu coração? Há uma só pessoa neste mundo que, quando ama, não faça todos os esforços para alcançar e possuir o objeto do seu amor?

Vós sabeis, ó meu dulcíssimo Jesus, que eu me abandono a vós. Minha alma só ama a vós, só busca a vós, só deseja a vós e quando ela não vos encontra, é mesmo preciso que ela chore e que ela se atormente.

A Sabedoria: Entre então no templo dos meus louvores. Não é o prelúdio, o antegosto da felicidade eterna, me louvar na alegria e na paz do seu coração?

Nada é comparável aos meus louvores para iluminar a inteligência, suavizar a cruz, vencer os maus espíritos, afastar a tristeza e o aborrecimento, tornar tranquilas e felizes as almas.

Se você me louvar com suas palavras, seus cantos, suas inspirações, suas meditações e suas obras, você apagará seus pecados, se enriquecerá com minhas graças, edificará seu próximo, consolará as almas do purgatório, terá anjos como companhia, será meu bem amado e sua morte será santa e feliz como sua vida.

O Discípulo: Que meu coração seja então uma chama ardente que se consome em vos louvar, que se une ao amor de todos os santos, de todos os serafins do céu e ao amor infinito que Deus Pai sente por vós, que é seu Filho único bem amado!

XXIX
Como Deus é uma essência muito simples.

O Discípulo: Ensinai agora ao vosso discípulo, ó Eterna Sabedoria, como ele deve se resignar e repousar em Deus. Digai-me, eu vos peço, qual é o meio de atingir esse objetivo tão elevado.

A Sabedoria: Uma alma não pode retornar à sua origem se ela não compreende primeiramente a unidade de Deus, ou seja, que Deus é o princípio necessário e primeiro de todo ser e que ele é uma essência incompreensível e sem nome, pois o que não se pode compreender não se pode nomear.

Tudo o que nossa inteligência criada afirma de Deus e lhe atribui é nada. Somente a negação pode defini-lo, porque Deus não é nenhuma das suas criaturas, mas uma essência infinita, impenetrável, superior a tudo o que ele fez. Ele é um espírito que tem a plenitude de sê-lo, que é o único que se compreende e que é, nele e por ele, o princípio e o fim de todas as coisas.

É neste oceano que começa e termina o ser humano justo e resignado. Ele se esquece e se perde em Deus, através de um abandono sobrenatural e perfeito.

O Discípulo: Mas, se Deus é uma essência simples, de onde vem que nós lhe damos os nomes de Sabedoria, de Bondade, de Justiça e de Misericórdia? Como esta multiplicidade se mostra com essa unidade de essência?

A Sabedoria: Essa multiplicidade de atributos no Ser divino não passa de uma unidade perfeita.

O Discípulo: O que é o Ser divino?

A Sabedoria: É a fonte de onde fluem as emanações e as comunicações divinas.

O Discípulo: Que fonte é essa, Senhor?

A Sabedoria: A própria natureza e a essência da Divindade. E, nesse abismo infinito, a Trindade das Pessoas se resume em sua Unidade, pois nela não existe multiplicidade nem ações exteriores, sendo simples a natureza divina e como que uma obscuridade que age imutavelmente sobre ela mesma.

O Discípulo: Mas qual é a origem primeira das comunicações divinas?

A Sabedoria: A faculdade, a virtude onipotente.

O Discípulo: O que é essa virtude, essa faculdade?

A Sabedoria: A natureza divina, na qual o Pai é o princípio do ser, da geração e da operação.

O Discípulo: Deus e a Divindade são um mesmo ente?

A Sabedoria: O mesmo ente. Mas a Divindade não gera e não opera, enquanto que Deus opera e gera. Daí vem a diversidade das pessoas, que o intelecto distingue da essência divina. Mas, no fundo, é um mesmo ente, já que, na natureza divina, só há essência divina e as relações entre as pessoas não acrescentam nada a essa essência, embora haja distinção entre elas. A natureza divina não é mais simples nela mesma do que o Pai, o Filho ou o Espírito Santo, que ela compreende.

A imaginação afasta você na contemplação destes mistérios, porque você os examina segundo as coisas criadas.

O Discípulo: Ó abismo incompreensível de simplicidade! Mas, digai-me, ó Eterna Sabedoria, o que eram as criaturas em Deus antes de sua criação?

A Sabedoria: Elas eram como em seu exemplar eterno.

O Discípulo: O que é esse exemplar eterno?

A Sabedoria: É a essência de Deus enquanto ela se mostra através da comunicação e enquanto ela se faz conhecer à criatura. Na ideia eterna, as criaturas não são distintas de Deus. Elas participam da sua essência, da sua vida, do seu poder. Elas são Deus em Deus. Elas se confundem com Deus e não são menos do que ele. Mas, des-

de que elas saem de Deus através da criação, elas possuem uma forma, uma substância, uma essência particular e distinta de Deus e assim, em sua efusão de Deus, elas têm Deus como princípio e, como criaturas, elas o reconhecem como o Criador.

O Discípulo: A essência da criatura é mais nobre e mais elevada em Deus do que nela mesma?

A Sabedoria: A essência da criatura em Deus não é criatura. A criação é mais útil à criatura do que a essência que ela tinha em Deus, pois a criatura não se confunde mais eternamente com Deus. Mas Deus, com a criação, ordena divinamente todas as criaturas. Elas olham naturalmente seu princípio e, como elas saem de Deus, elas retornam a Deus.

O Discípulo: De onde vem, então, Senhor, o pecado, a iniquidade, o inferno, o purgatório, os demônios, se toda criatura vem de Deus e retorna para Deus?

A Sabedoria: A criatura inteligente e racional deveria retornar a Deus, seu princípio, mas ela permaneceu nela mesma por um ato insensato de sua orgulhosa vontade. Daí os demônios, o inferno e toda malícia.

XXX
Como o ser humano deve retornar a Deus.

O Discípulo: Como deve fazer, aquele que saiu de Deus, para retornar a Deus e para reconquistar sua felicidade perdida?

A Sabedoria: Seu meio é Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro ser humano, que, com sua dignidade incompreensível e a eficácia de sua Paixão e de sua morte, fundamentou os méritos dos santos e se tornou a Cabeça da Igreja.

Quem quer retornar a Deus e se tornar filho do Pai eterno deve deixar a si mesmo e se converter inteiramente em Jesus Cristo, para chegar à união beatífica da glória.

O Discípulo: E qual é essa conversão perfeita em Deus através de Jesus Cristo?

A Sabedoria: Escute bem o que vou lhe dizer. O ser humano devia habitar em seu centro, que é Deus. Ele saiu dele por um amor exclusivo a ele mesmo a às criaturas. Assim, ele usurpou o que era do Criador. Ele arrebatou a ele mesmo de Deus, em sua cegueira e se espalhou criminosamente pelas criaturas.

Assim, para retornar a Deus, ele deve: 1) se penetrar pelo nada de sua essência, que, separada da virtude onipotente de Deus, é absolutamente nada; 2) considerar sua natureza produzida e conservada no ser de Deus, mas, infelizmente manchada pela sua própria malícia e isso, para reconduzi-la a Deus, depois de tê-la tomado e purificado;

3) se levantar através de um ódio generoso a si mesmo, se desapegar da multiplicidade dos amores criados, renunciar perfeitamente a si mesmo e se abandonar a Deus e ao seu beneplácito em todas as coisas, tanto na alegria quanto no sofrimento, tanto no trabalho quanto no repouso.

Esta renúncia deve ser feita de maneira a jamais se desprender de Deus, a estar tão estreitamente unido em espírito a Jesus Cristo que se pode ver e fazer tudo nele e por ele e se pode dizer, como São Paulo: *Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim*[22].

Isto é o que quer dizer a renúncia a si mesmo em Deus. Desta forma, então, deixe-se, abandone-se, não para destruir e aniquilar sua natureza, mas para se livrar de sua propriedade e se desprezar soberanamente por amor a Deus. É desta maneira que você se tornará feliz.

O Discípulo: Como é isso, Senhor?

A Sabedoria: Porque você desfrutará das delícias do Paraíso e desfrutará __ não na realidade, mas por semelhança __ da felicidade dos santos, que estão de tal forma em Deus, que não pensam jamais neles mesmos.

O Discípulo: Qual é o estado dos santos no céu?

A Sabedoria: É uma embriaguez divina e inefável. Da mesma forma como a pessoa embriagada se esquece e não é mais senhora de

[22] Gálatas 2: 20.

si mesma, assim também os santos se abandonam de tal forma a Deus, que eles perdem, nele, toda propriedade e não podem mais retomá-la, já que vivem com Deus, transformados para sempre em Deus, como uma gota de vinho que, jogada no oceano, perde seu sabor, sua cor e se confunde com a imensidão que a recebe.

O Discípulo: Os santos perdem então, em Deus, sua natureza e sua essência?

A Sabedoria: Não. Mas, em Deus, eles não sentem nenhum desejo humano. Eles perdem completamente o uso de suas vontades. Eles estão mergulhados na vontade divina e só podem querer o que Deus quer. A natureza deles e a essência deles continuam as mesmas, mas elas assumem outra forma, outra glória, outra virtude, pois estão unidas à essência divina e se tornam uma só coisa com ela. Não por natureza, mas pela graça. Uma luz inefável e uma virtude onipotente os fazem querer o que Deus quer.

Estes dons preciosos são concedidos a todos os bem-aventurados, em recompensa por suas renúncias perfeitas e seus a-bandonos totais em Deus.

O Discípulo: Ó meu Jesus! Essa renúncia é mais admirável que imitável. Quem pode, neste mundo, jamais pensar em si mesmo e permanecer indiferente tanto à prosperidade quanto ao infortúnio? É muito difícil, nesta vida mortal, amar puramente por Deus, sem sentir a menor inclinação própria e sem jamais consultar sua vontade.

A Sabedoria: Eu não o convido à renúncia dos santos, que você não pode nem mesmo compreender, porque as necessidades e as imperfeições da natureza o impediriam a isso. Mas saiba ao menos que a renúncia dos meus verdadeiros servidores é uma imitação da renúncia dos santos no Paraíso.

Tenho, entre meus eleitos, almas devotas que vivem no esquecimento completo do mundo e delas mesmas e que conservam suas virtudes estáveis, imóveis e, por assim dizer, eternas como Deus. Elas já são, pela graça, transformadas na imagem e na unidade do seu princípio e, como Deus, não podem agir pelos outros que não seja por ele. Elas não pensam, elas não amam, elas não querem outra coisa que não seja e seu beneplácito.

Este estado de união e de renúncia é completo no Paraíso, mas na Terra, ele é encontrado entre meus mais fervorosos adoradores, em graus diferentes, segundo os tesouros da minha graça.

XXXI
No que consiste a verdadeira renúncia.

O Discípulo: Digai-me, Eterna Sabedoria, como sofrem e morrem vossos servidores que, na Terra, renunciam perfeitamente a eles mesmos em Deus. Estou convencido de que eles levam uma vida puríssima, que observam os conselhos do Evangelho e que sempre tendem ao que é o mais perfeito.

A Sabedoria: Só se pode renunciar perfeitamente a si mesmo através da observação completa da Lei e através de uma grandiosa pureza de coração, pois quem se ama e ama as criaturas não tem a pureza do meu amor e não poderá jamais renunciar à sua vontade.

Mas meus servidores vivem sempre da maneira mais perfeita, desapegados deles mesmos interna e externamente e livres de toda propriedade, de corpo e de espírito. Nas provações, eles são tão fortes e constantes que desprezam o sofrimento, que consideram nada.

Eles estão tão bem dispostos à morte que, não apenas a recebem com submissão das mãos de Deus, como eles a amam e a desejam mais do que a todos os tesouros do mundo e não querem um só instante de suas existências fora da minha vontade.

O Discípulo: Para caminhar assim na via perfeita da renúncia, qual é a coisa principal: a contemplação ou a ação?

A Sabedoria: Estas duas coisas não devem se separar. Do que serve buscar o que é a virtude, a união e a renúncia, se não se combate a natureza, se não se liberta do pecado, domando as paixões e colocando em prática a própria verdade?

Quanto mais se estuda então, mais se perde, porque se compraz com o conhecimento, porque não se cuida de si e se chega a uma falsa liberdade que encanta e que desvia.

O Discípulo: Este é o abuso do conhecimento e não é de se admirar que muitos sábios se perdem. Mas não se pode abusar da austeridade da vida e dos rigores de uma santa penitência.

A Sabedoria: Certamente, quando o exterior corresponde ao interior. Mas há pessoas que se mortificam muito exteriormente e que não renunciam a elas mesmas em Deus.

O Discípulo: O sofrimento, no entanto, é uma imitação de Jesus Cristo e de sua cruz?

A Sabedoria: Seria mais verdadeiro dizer que é uma aparência de imitação da cruz. Essas pessoas não querem se conformar à vida de Jesus Cristo, que foi a própria doçura e a própria humildade. Elas censuram e julgam seus próximos com uma facilidade extrema. Elas desprezam e condenam todos aqueles que não vivem como elas e se quisermos conhecê-las, é só as contrariarmos em suas vontades e reputações. Elas se manifestam então cheias de orgulho e em uma inquietude contínua.

É bem evidente que elas não possuem a renúncia cristã, que jamais aprenderam a se abandonar realmente a Deus e que não morrem realmente a elas mesmas e aos seus próprios desejos. Sob o exterior de uma vida austera, elas conservaram toda a vivacidade de suas paixões. Elas alimentam e desenvolvem suas próprias vontades.

XXXII
Como a alma se torna um mesmo ente com Deus.

O Discípulo: Donde vem então a verdadeira renúncia interior e exterior dos eleitos em Deus, em uma unidade perfeita?

A Sabedoria: Da geração e da filiação de Deus. Sendo todos os meus verdadeiros servidores filhos de Deus, já que está dito em São João: *a todos aqueles que o receberam, aos que creem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus*[23], eles participam, pela graça, da natureza e da ação de Deus, pois um pai sempre produz um filho semelhante a ele na natureza e na ação.

O justo que se renuncia em Deus, por essa união com Deus, que é eterno, triunfa sobre o tempo e possui uma vida bem-aventurada que o transforma em Deus.

O Discípulo: Mas eu não compreendo como tantas criaturas distintas têm, em Deus, uma única existência. Sempre há o infinito entre o justo e Deus, entre a criatura e o Criador.

A Sabedoria: Meu filho, se você raciocina segundo os sentidos e se você quer chegar à verdade através da ciência natural, você não será jamais capaz de compreender o que você me pergunta, pois a Verdade Divina é melhor compreendida ao não estudá-la do que ao estudá-la.

[23] João 1: 12.

O tempo e a eternidade, em Deus, são uma só e mesma coisa e o ser temporal da criatura, na natureza e na essência de Deus, não têm mais diversidade.

Erga-se acima dos sentidos e você compreenderá o que deseja.

O Discípulo foi arrebatado para fora dele mesmo e viveu doze semanas privado dos seus sentidos e de suas operações. Ele não sabia mais se estava no mundo ou fora do mundo, porque, em sua visão, ele só compreendia e sentia um Deus único e simples, sem distinguir a multiplicidade e a variedade das criaturas.

Quando terminou a visão, a Divina Sabedoria lhe perguntou:

A Sabedoria: O que lhe aconteceu, meu amigo? Por onde esteve e o que compreendeu? Eu não lhe disse a verdade?

O Discípulo: Sim, Senhor! Certamente que eu jamais teria compreendido tão bem se não tivesse sido provado. Parece-me agora que sei para onde tende para onde leva a vida de uma alma que renunciou perfeitamente a si mesma em vós. Os sentidos percebem muitas coisas distintas, mas o espírito não vê, em Deus, nenhuma diferença entre elas.

A Sabedoria: Isto é verdade, porque a alma, por via da renúncia perfeita, pode chegar a se perder em Deus com uma vantagem infinita, a se sepultar na Divina Essência, onde ela não se distingue

mais de Deus, que ela não conhece mais através das imagens, da luz e das formas criadas, mas por ela mesma.

Ora, você acredita compreender Deus, quando você o chama de Espírito Supremo, Inteligência Puríssima, Essência, Bondade, Virtude, Amor e Felicidade, mas você está muito longe de compreender Deus, tanto quanto a Terra está afastada do céu.

Somente quando se chega ao centro da divindade, que é a unidade de todas as coisas, é que se penetra e se compreende Deus sem compreendê-lo, porque ele é compreendido de uma maneira incompreensível e a alma não mais se distingue de Deus.

Mas você é incapaz dessa transformação maravilhosa, onde a alma, no abismo da divindade, se transforma na unidade de Deus, para se perder e se confundir com ele, não quanto à natureza, mas quanto à vida e às faculdades.

Para quem entra na eternidade, nada de passado, nada de futuro; somente o presente. Para quem se transforma na unidade de Deus, nada de distinção; um só ser e um só prazer.

Mas essa graça da união perfeita, imutável, eterna é a partilha, a felicidade dos bem-aventurados. Você não pode se saciar nessas fontes de glória durante sua peregrinação. Você mal receberá algumas gotas delas, como penhor do que lhe está destinado.

O Discípulo: Ó doce Sabedoria! Nesse estado, qual será a ação da pessoa com Deus? Ela perderá seus poderes e suas operações?

A Sabedoria: Não. Quando a pessoa mergulha inteira em sua união com Deus e se torna um mesmo ente com ele, ela não perde seus poderes tanto quanto não perdeu sua natureza. Mas ela não age mais como uma pessoa, porque vê e apreende tudo na unidade infinita.

Os filósofos consideram as coisas como dependentes de sua causa natural, mas meus servidores se elevam mais alto e as consideram como saídas de Deus. Eles reconduzem a pessoa para Deus, após sua morte, desde que, durante sua vida, ela tenha se conformado à vontade de Deus e, nessa transformação divina, nessa unidade suprema, eles se consideram, bem como todas as criaturas, como elas são na eternidade.

O Discípulo: A pessoa pode então se ver como criatura, se, na eternidade e em Deus, ela não é nada além de Deus? A mesma natureza não pode ser, ao mesmo tempo, criada e incriada.

A Sabedoria: Nessa união, a pessoa sabe que é criatura e que, quando não era, ela estava conforme com a sua ideia em Deus e que não era nada além de Deus, como disse São João: *O que foi feito, nele era vida*[24].

Eu não digo que o ser humano seja criatura em Deus, porque Deus não é nada que não seja Trindade e Unidade. Mas eu digo que o ser humano que está em Deus, de uma maneira superior e inefável, se

[24] João 1: 3 e 4. *Quod factum est, in ipso vita erat*.

torna um mesmo ente com Deus, retendo, no entanto, seu ser particular e natural. Ele não o perde, mas desfruta dele divinamente e vive de uma maneira perfeita, já que não perde o que tem e adquire o que não tem, ou seja, uma existência divina.

Assim, a alma em Deus continua criatura, mas nesse abismo da divindade onde ela se perde, ela não pensa se é ou se não é criatura. Ela recebe sua vida de Deus, sua essência, sua felicidade, tudo o que ela é e, ao se manter assim, fixa e imóvel nele, sem nada dizer dela mesma, ela se cala e repousa nesse oceano de felicidade infinita, não conhecendo outra essência que não seja aquela que é Deus.

Quando a alma sabe ver e contemplar Deus, ela sai, por assim dizer, de Deus e reencontra ela mesma na ordem natural. É este conhecimento de Deu que é chamado de "conhecimento da noite", porque a criatura se separa de Deus, enquanto que, no "conhecimento da manhã", ela conhece em Deus sua imagem, sem diversidade, como Deus é propriamente.

O Discípulo: Se não há nenhuma relação entre Deus e a alma, como existe união?

A Sabedoria: A essência da alma se une à essência de Deus e os poderes e as forças da alma, à ação de Deus. Então, a alma compreende que está unida com Deus em seu ser infinito, do qual ela mesma desfruta.

O Discípulo: A pessoa, nesta vida, pode chegar a essa união?

A Sabedoria: Sim. Não com as forças do seu intelecto, mas a-través do arrebatamento divino que transporta a alma além do tempo.

O Discípulo: E nesse arrebatamento, ela pode pecar?

A Sabedoria: Se ela retorna a si mesma, ela pode pecar, mas ela não peca nessa união, como está dito em São João: *Todo aquele que é nascido de Deus não peca, porque o germe divino reside nele e não pode pecar*[25].

O Discípulo: E qual é sua ação, nessa união tão elevada?

A Sabedoria: Há somente uma possível, pois a base de sua u-nião é uma só, como a essência divina.

O Discípulo: A pessoa perde então o intelecto e a vontade?

A Sabedoria: Não. Mas só os possui sob a influência e a ação de Deus.

O Discípulo: Como explicar então que a alma em Deus se per-de inteira?

A Sabedoria: Ela não compreende e não vê outra coisa que não seja Deus e nessa união ela não vê nada de criado. Ela não se curva sobre ela mesma, ela não reflete com seu próprio intelecto e sua própria vontade, mas fica totalmente sepultada no abismo da di-vindade. Lá, ela se cala, ela dorme, ela repousa com uma doçura ine-fável e então, pode-se dizer na verdade, que ela perde a ela mesma, não quanto à natureza, mas quanto à propriedade de suas forças, já

---

[25] 1 João 3: 9.

que ela não pode compreender e querer uma hora uma coisa e outra hora outra coisa e não pode desejar nada realmente que não seja Deus. E nisto consiste sua perfeita liberdade, pois ela só pode querer e só pode desejar Deus, ou seja, ela não quer jamais o mal e sempre deseja o bem.

Foi por isto que Santo Agostinho disse: *É assim que se deve amar Deus. Não este ou aquele bem, mas o próprio bem, pois é preciso buscar o bem da alma, não um bem que ela acaricia ao passar, mas o bem ao qual ela se apega com amor. E que bem é este, se não é Deus?*[26].

XXXIII
A vida do justo que renuncia a si mesmo em Deus.

O Discípulo: Digai-me agora, eu vos imploro, ó Suprema Sabedoria! Como vive, entre as pessoas, o justo que renunciou a si mesmo em Deus? Como ele se comporta nas circunstâncias e nas coisas de cada dia?

A Sabedoria: Ele está morto para ele mesmo, para seus defeitos e para todas as coisas criadas. Ele é humilde com todos e se coloca, de boa vontade, abaixo de todos os seus semelhantes. No abismo da divindade, ele compreende tudo o que convém fazer. Ele recebe todas as coisas como elas são propriamente e como Deus quer. Ele é

[26] *A Trindade*. Livro VIII, cap. III, parag. 4.

livre na Lei, porque observa minha vontade por amor, sem medo ou temor.

O Discípulo: Aquele que, pela renúncia interior, vive em Deus e em sua vontade, não está livre também dos exercícios espirituais exteriores?

A Sabedoria: Somente alguns chegam a este ponto sem destruir suas forças, pois o esforço contínuo que é feito para se renunciar em Deus e para se mortificar em todas as coisas, logo esgota os recursos da vida.

Evite um esgotamento assim e siga os exercícios espirituais comuns. Que lhe baste saber o que você deve e o que você não deve fazer.

O Discípulo: Qual é então a principal obra daquele que renunciou a si mesmo em Deus?

A Sabedoria: Sua renúncia e sua ação é viver em um abandono total de si mesmo em Deus. Este é um repouso santo e perfeito, porque, ao agir assim, se repousa em Deus e ao se repousar nele, age-se maravilhosamente, já que a renúncia em Deus é um ato de amor e de virtude perfeita.

O Discípulo: Quais são suas relações e suas conversações com seu próximo?

A Sabedoria: Ele vive familiarmente com todas as pessoas, sem conservar delas a imagem ou a lembrança. Ele as ama sem ape-

go, sem amor e se compadece de seus sofrimentos sem ansiedade, sem preocupação.

O Discípulo: Se ele vive tão puramente, interior e exteriormente, ele está obrigado a se confessar?

A Sabedoria: A confissão que se faz por amor é muito melhor do que aquela que se faz por causa das faltas.

O Discípulo: Como ele faz suas orações e oferece a Deus suas preces?

A Sabedoria: Sua oração é muito eficaz, porque Deus, sendo espírito, vem ao espírito. Ele procura saber com cuidado se, em seu interior há algum obstáculo de imagens, de aparências e de apegos e se ele ainda pertence a algum sentimento que o afasta de Deus e, ao se examinar assim, ao se apropriar assim, afastando seus sentidos de qualquer imagem ou de qualquer afeição humana, ele oferece preces puras e se esquece dele mesmo, para só pensar na glória de Deus e na salvação das almas.

Todas as suas forças superiores são preenchidas por uma luz divina que o torna seguro de que Deus é sua vida, sua essência, todo seu bem; que Deus age nele e que ele não passa de seu instrumento, seu adorador e seu cooperador.

O Discípulo: Como ele come e dorme?

A Sabedoria: Exteriormente, ele come, ele dorme, ele satisfaz a todas as necessidades da vida, como fazem as outras pessoas, mas,

interiormente, ele não sabe se come e se dorme e não dá nenhuma atenção às necessidades do seu corpo. Sem isso, ele desfrutaria do alimento e repousaria na parte baixa e animal do seu ser.

O Discípulo: Como é sua conversa com as pessoas?

A Sabedoria: Ele não tem muitas formas e usos. Ele fala pouco e simplesmente. Sua conversa é sempre benevolente. Tudo o que ele diz sai dele sem esforço e seus sentidos permanecem na calma e na paz.

O Discípulo: Todos os seus servidores são desapegados deles mesmos? Eles não se afastam nunca da verdade e não são arrastados, algumas vezes, por falsas opiniões?

A Sabedoria: Há graus no desapego deles, mas todos eles se parecem no essencial. Quando eles relaxam, eles têm opiniões como os outros, mas quando eles se erguem acima deles mesmos, em Deus, que é a Verdade Suprema, eles vivem na plenitude do conhecimento, sem jamais se enganarem, pois eles não reportam nada a eles mesmos e não se atribuem o que vem de Deus.

O Discípulo: Mas, de onde vem que uns se encontram em grandes angústias de consciência e outros em grande segurança?

A Sabedoria: Isto é porque ambos não se desapegaram completamente deles mesmos. Uns, espiritualmente e então experimentam o tormento de sua posse. Outros, materialmente e então relaxam para satisfazerem seus corpos. Mas aquele que não retorna a si mes-

mo e permanece inteiramente abandonado em Deus desfruta de uma vida tranquila e inalterável.

O que eu lhe disse, meu bem-amado, deve lhe bastar. Não se chega a estas verdades ocultas estudando e interrogando. Chega-se a ela renunciando a si mesmo humildemente em Deus.

Estes doces ensinamentos encheram o bem-aventurado Henrique com tanto amor, que ele compôs, para aliviar seu coração, o pequeno **Ofício da Sabedoria Eterna**.

Índice